

Daniela Filipa Vidal de Almeida

2º Ciclo de Estudos em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do
Ensino Básico e no Ensino Secundário

“A Paisagem no ensino de História e de Geografia: o ser humano como
agente transformador da Paisagem.”

2012/2013

Orientadora: Professora Doutora Elsa Pacheco

Coorientadora: Professora Doutora Cláudia Ribeiro

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/ Projeto/IPP:

Agradecimentos

Após estes 9 meses de trabalho, de experimentação e aprendizagem, gostaria de agradecer, em primeiro lugar aos meus pais, António e Salete, pelo apoio e por me fazerem acreditar que sou capaz de concretizar todos os meus objetivos. Agradeço também ao meu irmão Rui e à minha avó Laurinda pela paciência.

Um agradecimento especial às minhas orientadoras: Professora Cláudia Ribeiro, pela dedicação, disponibilidade e orientação e à Professora Elsa Pacheco pelas ideias e desafios.

Agradeço ainda à Professora Lurdes Costa e ao Professor Fernando Santos, os meus guias, por todos os ensinamentos práticos que me passaram, na Escola Gomes Teixeira. Obrigada, também, aos meus alunos, por me fornecerem tantas e tão variadas experiências.

Ao Rui agradeço o apoio, o carinho e o companheirismo. Sem ti era bem mais difícil.

Tenho também de gratificar os meus amigos: os de sempre e os mais recentes, em especial os meus companheiros de estágio, Anabela, Flávio e M^a João.

E, por último, não poderei esquecer a Professora Ana Francisca Azevedo, por me ter dado a conhecer a Paisagem. Obrigada.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo amor e pelo apoio.

Sem eles nada disto era possível.

Índice geral

I.	Introdução	7
II.	A ideia de Paisagem	11
1.	Paisagem	11
2.	O conceito e a sua evolução	12
3.	A revalorização da Paisagem na Geografia	17
4.	A Paisagem Humanizada	18
III.	A Paisagem no Currículo Nacional de História e de Geografia, no 3º Ciclo do EB	20
IV.	A abordagem à Paisagem no 3º ciclo do EB – Aplicação a alunos do 9º ano	26
1.	Questões Metodológicas	26
1.1.	O ser humano como agente transformador da Paisagem	26
1.1.1.	Os Bombardeamentos em Londres, durante a 2.ª Guerra Mundial	28
1.1.2.	O Central Park	33
1.2.	Instrumentos para a recolha de dados	37
1.2.1.	Notas sobre a fotografia como recurso didático	42
1.3.	Seleção e caracterização da amostra	46
1.4.	Análise e interpretação dos resultados	47
V.	Considerações Finais	74
VI.	Bibliografia	76
	Anexos	80
	Anexo A – Dossier de História	81
	Anexo B – Dossier de Geografia	89
	Anexo C – Respostas dos alunos, grupo III, 9º W e 9º Y	96
	Anexo D – Critérios de Correção 9º W	105
	Anexo E – Critérios de Correção 9º Y	107
	Anexo F – Tabela nº 3 – Análise Categorical de Geografia, 9º Y	109
	Anexo G – Tabela nº 4 – Análise Categorical de História, 9º W	111
	Anexo H – Tabela nº 5 – Análise de Avaliação (9º W e 9º Y)	114
	Anexo I – Tabela nº 6 - Análise de Expressão (9º W e 9º Y)	115
	Anexo J – Tabela nº 7 – Análise da Criatividade (9º W e 9º Y)	116

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Anexo K – Tabela nº 8 – Análise das Atitudes – Empenho (9ºW e 9º Y)	117
Anexo L – Exemplares dos Postais escritos pelos alunos (9º W e 9 Y)	118
Anexo M - Plano de Aula (Geografia, 7.01.2013)	124
Anexo N – Plano de Aula (História, 15.04.2013)	126
Anexo O – Plano de Aula (Geografia, 8.05.2013)	130

Índice de Tabelas

Tabela nº 1 – A Paisagem no Currículo/Programa de História	21
Tabela nº 2 - A Paisagem no Currículo/Programa de Geografia	24
Tabela nº 3 – Análise Categorical de Geografia, 9º Y	51
Tabela nº 4 - Análise Categorical de História, 9º W	57
Tabela nº 5 – Análise de Avaliação (9º W e 9º Y)	68
Tabela nº 6 – Análise de Expressão (9º W e 9º Y)	71
Tabela nº 7 – Análise da Criatividade (9º W e 9º Y)	72
Tabela nº 8 – Análise das Atitudes – Empenho (9ºW e 9º Y)	72

Figura nº 1 – Dossier de História (1)	38
Figura nº 2 - Dossier de História (2)	38
Figura nº 3 - Dossier de História (3)	39
Figura nº 4 - Dossier de História (4)	39
Figura nº 5 - Dossier de Geografia (1)	40
Figura nº 6 - Dossier de Geografia (2)	40
Figura nº 7 - Dossier de Geografia (3)	41
Figura nº 8 - Dossier de Geografia (4)	41
Gráfico nº 1 – O que será mais grave o Homem fazer: destruir uma Paisagem Natural ou destruir uma Paisagem Humana? (9ºW e 9º Y)	66
Gráfico nº 2 – O que será mais grave o Homem fazer: destruir uma Paisagem Natural ou destruir uma Paisagem Humana? (9º Y)	68
Gráfico nº 3 – O que será mais grave o Homem fazer: destruir uma Paisagem Natural ou destruir uma Paisagem Humana? (9ºW)	68

I – Introdução

O trabalho que a seguir se apresenta intitula-se “A Paisagem no ensino de História e de Geografia: o ser humano como agente transformador da Paisagem”, e é o culminar de 9 meses de trabalho na Escola Básica, 2º e 3º Ciclo, Gomes Teixeira, no Concelho do Porto.

A opção pela “Paisagem” está diretamente relacionada com o gosto pessoal pelo tema. Para além disso, sendo um tópico da maior importância para a Geografia, optou-se por se trabalhar, junto dos alunos do 9º ano, esta questão. Neste nível de escolaridade os estudantes já possuem, à partida, as noções básicas relativamente à Paisagem, nomeadamente os vários tipos de Paisagens (naturais e humanas) e os elementos que constituem cada uma delas, uma vez que iniciaram o estudo da Geografia, no 7º ano de escolaridade, precisamente por este tema.

Sendo a importância da Paisagem indiscutível, na Geografia, pretendeu-se também demonstrar que o estudo da Paisagem é igualmente possível e importante em História, constituindo um aspeto útil e interessante para estudar, com os alunos, o desenvolvimento e a evolução do ser humano, ao longo do tempo. Naturalmente, não é possível estudar o Homem de forma isolada. É imprescindível estudá-lo, no espaço, pois a evolução do ser humano fez-se sempre num determinado território, sendo este um importante factor de influência. O Homem desde os primórdios que se fixou, preferencialmente, junto aos recursos hídricos, pelas vantagens que estas áreas fornecem. Portanto, o território e o Homem são duas variáveis que não se podem estudar isoladamente, nem em Geografia nem em História. Por isso, é que a Paisagem permite estudar o Homem e a sua evolução, uma vez que as Paisagens, sejam elas naturais ou humanas, possibilitam aprender História e Geografia, de uma forma mais motivadora e atrativa, independentemente do nível de escolaridade dos estudantes. Para além disso, sabendo-se que a Paisagem é um “conceito meramente de arranque na disciplina de Geografia” e que alguns manuais “enveredam por uma abordagem algo redutora” do tema, como afirma Maria Helena Ramalho (2007, p. 55), decidiu-se dar mais protagonismo a esta questão, trabalhando-a, ao longo de algumas regências realizadas, não só em Geografia, mas também em História. Os motivos residiram na

expectativa de que a Paisagem fosse convenientemente explorada pelos alunos, mas também para que lhe fosse dado o valor merecido, uma vez que a Paisagem encerra em si uma importância ambiental, patrimonial e cultural, que deve ser devidamente trabalhada com os alunos.

Este trabalho foi assim desenvolvido junto de duas turmas do 9º ano, da Escola Básica Gomes Teixeira. Esta escola localiza-se no Concelho do Porto, na Freguesia de Massarelos, sendo uma escola de centro urbano, concentrando assim, um conjunto muito diverso de alunos. Este estabelecimento de ensino pertence ao Agrupamento de Escolas Infante D. Henrique, que é constituído também pela Escola Secundária com 3º Ciclo Infante D. Henrique, pela Escola Básica do Bom Sucesso e ainda pelo Jardim de Infância Barbosa du Bocage. A escola onde se desenvolveu este trabalho, possuía no ano lectivo 2011/2012¹, cinco turmas do 5º ano, seis turmas do 6º ano, seis turmas do 7º ano, cinco turmas do 8º ano e ainda seis turmas do 9º ano, tendo no total 571 alunos, sendo os números atuais, relativamente próximos.

A Escola Gomes Teixeira recebe alunos não só da freguesia de Massarelos, mas também de outras freguesias da cidade, inclusivamente alunos de outros concelhos, como Matosinhos ou Vila Nova de Gaia. De referir ainda que a instituição possui um núcleo para crianças e jovens autistas, estando este núcleo separado em dois sectores, o sector para crianças autistas mais autónomas e um outro sector para crianças menos autónomas. Este núcleo possui Professoras de Ensino Especial, Auxiliares de Ação Educativa devidamente formados e conta ainda com o apoio da grande maioria dos docentes da escola, que trabalham individualmente ou em grupos pequenos, com estes jovens.

O estudo que a seguir se apresenta foi aplicado nas turmas W e Y² do 9º ano. Na turma W, realizou-se a iniciação à prática pedagógica na disciplina de História, juntamente

¹ Não foi possível ter acesso ao Projeto Educativo da Escola Gomes Teixeira, nem ao Projeto Educativo da Sede de Agrupamento, a Escola Infante D. Henrique, pelo que não conseguimos caracterizar devidamente a instituição onde se desenvolveu o trabalho apresentado. Segundo as informações prestadas, o Projeto Educativo está, presentemente, a ser elaborado.

² As designações W e Y foram atribuídas para preservar o anonimato dos estudantes. Também os nomes dos alunos foram preservados. Os alunos da turma Y são designados com as letras do alfabeto

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

com uma turma do 8º ano, e na turma Y, fez-se a iniciação à prática pedagógica na disciplina de Geografia, também com outra turma do 9º ano, no presente ano letivo.

Após a escolha da temática a trabalhar, definiu-se o quadro teórico, que acabou por ser dividido em dois capítulos. Assim, começou-se por trabalhar a Paisagem, mais especificamente a “Ideia de Paisagem”, onde se fez uma abordagem genérica desta questão³. Posteriormente, procedeu-se à análise dos Currículos de História e de Geografia, e dos respectivos programas, sintetizando-se a informação analisada e identificando os grandes temas, os subtemas e as alíneas, em que a Paisagem está presente. Para além disso, identificou-se também a forma como a Paisagem é possível ser trabalhada: explícita ou implicitamente, no 3º Ciclo do Ensino Básico.

Na parte empírica, deu-se início à “abordagem à Paisagem no 3º Ciclo do Ensino Básico”, tendo como base a aplicação feita às turmas W e Y do 9º ano. Desta forma, foram tratadas as questões metodológicas, ou seja, o Homem como agente transformador da Paisagem, que se tratou junto dos alunos através: de imagens alusivas aos bombardeamentos da cidade de Londres, durante a 2.ª Guerra Mundial, na turma W (História) e do Central Park, junto da turma Y (Geografia). Foram ainda alvo de atenção os instrumentos usados para a recolha de dados, onde a fotografia tomou um lugar central, a seleção e caracterização da amostra e por fim, procedeu-se à análise e interpretação dos dados recolhidos.

Com o trabalho desenvolvido com os alunos, pretendeu-se dar resposta a duas questões centrais: em primeiro lugar, apurar se “os alunos conseguem identificar a transformação feita pelo Homem, nas Paisagens” e “como é que os alunos percebem a intervenção do Homem, nas Paisagens”, após todo o trabalho desenvolvido, ao longo dos nove meses de iniciação à prática profissional, mas principalmente tendo por base as regências que foram destinadas ao tratamento desta problemática.

acompanhadas do número 1. Já os alunos da turma W são também nomeados através das letras do alfabeto juntamente com o número 2.

³ Alguma da informação presente no *quadro teórico*, faz parte do artigo “A Paisagem - A Produção de Paisagem nos Jardins de Serralves, Porto”, redigido pela autora deste trabalho, e a ser publicado brevemente.

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Para tentar dar resposta a estas duas questões, procedeu-se, em primeiro lugar à leitura de bibliografia de referência, de forma a completar alguma informação que já se possuía relativamente à Paisagem e para tratar também outros tópicos. Assim, foram analisadas obras referentes não só à Paisagem, mas também à fotografia, à investigação em Ciências Sociais e Humanas, às Didáticas de Geografia e de História, à 2.^a Guerra Mundial, ao Central Park, entre outros aspetos de relevo. Para além disso, desenvolveu-se um conjunto de recursos para trabalhar com os alunos o estudo desta temática, assim como para recolher os dados necessários à investigação proposta.

Finalmente, nas considerações finais é feito o balanço de todo o trabalho desenvolvido, dos resultados obtidos, dos pontos fracos e também dos pontos fortes desta investigação, assim como os aspectos a melhorar.

1. Paisagem

PAISAGEM “s. fem. (do fr. Paysage).

Extensão de uma região que se oferece à vista”

Nova Enciclopédia LAROUSSE, 1998, p. 5264

A origem da palavra Paisagem encontra-se na poesia do poeta Jean Molinet, que em 1493 utilizou este termo com o sentido de “quadro representando uma região” (Roger, citado por Alves, 2001, p. 67).

Mais tarde, em 1549 surge no dicionário “francês – latim” de Robert Estienne o termo *Paisagem*, que designava uma pintura sobre tela. Posteriormente, em 1552 com Ticiano este termo passou a significar a representação pictórica de uma vista, normalmente como fundo de um quadro (Buescu, citado por Alves, 2001). Em 1690 o dicionário de Furetière descreveu a “Paisagem como o aspecto de uma região, o território que se estende até onde a vista pode alcançar”, definição esta muito semelhante à descrição dada pela Enciclopédia Larousse (1998). O termo *Paisagem* foi durante dois séculos usado não para descrever um facto Geográfico, mas sim para descrever uma representação numa tela de um determinado acontecimento, enquadrado numa realidade Geográfica (Alves, 2001, p. 67).

Segundo a interpretação de Alexander Humboldt, a *Paisagem* é o resultado de uma criação do Homem urbanizado do norte da Europa (Buescu, citado por Alves, 2001). As primeiras representações da Paisagem estão intimamente ligadas à religião, uma vez que os pintores Italianos desenvolveram, no século XIII, uma corrente de pintura religiosa onde estava implícita a utilização de elementos naturalistas. Mais tarde, escolas de pintura da Paisagem começaram a afirmar-se na Flandres (século XV), na Holanda (século XVII), em Inglaterra (século XVIII e XIX) e em França (século XIX) (Alves, 2001). As obras criadas por estas escolas retiraram os elementos religiosos da paisagem, no entanto, fizeram as representações das paisagens segundo a representação do espaço desenvolvida pelos pintores italianos (Roger, citado por Alves, 2001). No Modern Tate, em Londres a exposição “Real Life Landscape” permite analisar a evolução das

reproduções da Paisagem desde das representações Naturalistas às representações Abstratas. Isto é, esta exposição revela o quão difícil e complexo é a representação das Paisagens num mundo em contínua mudança (Alves, 2001, p. 68). Uma vez que, as paisagens são uma produção Humana resultante da interacção Homem – Natureza. Desta forma, as várias formas de arte acompanham esta evolução e estes processos de construção/destruição da Paisagem.

2. O conceito e a sua evolução

“Landscapes – may be represented in a variety of materials and on many surfaces – in paint on canvas, in writing on paper, in earth, water, and vegetation on the ground.

A landscape park is more palpable but no more real, nor less imaginary, than a landscape painting or poem”.

Daniels e Cosgrove, 1988, p. 1⁴

Na Geografia Clássica, a Paisagem era o conceito mais importante, sendo o objeto de estudo mais consensual e de referência inultrapassável da própria Geografia (Domingues, 2001).

Segundo Cosgrove (citado por Sarmiento, 2004), o conceito de Paisagem é diferente do conceito de “lugar” em várias formas. Assim, a paisagem implica um relacionamento diferente entre a população e os espaços, uma vez que “(...) na paisagem somos sempre alguém de fora, dado que o ponto de vista da paisagem fica sempre para além dela” (Cosgrove, citado por Sarmiento, 2004, p. 36). Desta forma, as Paisagens podem ser entendidas como imagens pictóricas, em que a sua história está intimamente relacionada com a inscrição de imagens sobre o ambiente envolvente, de vários espaços (Sarmiento, 2004). Portanto, a Geografia das Paisagens é uma Geografia de imagens, em que se estudam as formas de ver e de representar, como afirmam Cosgrove e Daniels (citado por Sarmiento, 2004). Já na perspectiva de Sack (citado por Sarmiento, 2004), “a paisagem é a qualidade visível do lugar (...) a aparência desse lugar”. Para Bender (citado por Sarmiento, 2004, p.36), o conceito de Paisagem está muito mais próximo do

⁴ Citado por Sarmiento (2004). *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores*. p.35

conceito de “lugar”, do que paisagem como uma vista, uma perspectiva. Com efeito, para este autor, as Paisagens “podem ser próximas, trabalhadas, vividas ou podem ser distantes e semifantasiadas” (Bender, citado por Sarmiento, 2004, p. 39).

No passado, a paisagem era uma “síntese” e epifenómeno resultante da interligação entre as condições naturais e da ação do Homem organizado em sociedades com uma história e cultura. Deste modo, as paisagens geográficas possuíam um valor antropológico, uma memória reveladora de diversas sedimentações ou marcas deixadas por várias transformações, sendo uma forma de património cultural e elemento essencial da identificação de um povo ou “até de um modelo de coesão do Estado-Nação. Foi assim que as regiões legitimaram as teses orgânicas do equilíbrio da nação, na sua diversidade e relação entre ambientes (meios geográficos e modos de vida)” (Domingues, 2001, p. 56). É pois, com clara evidência que as Paisagens continuam ainda a ser uma componente fundamental do património natural, histórico-cultural e científico da Humanidade (Pinto, D’Abreu & Oliveira, 2001).

Em vários documentos de âmbito europeu, a Paisagem é vista como uma expressão das várias relações estabelecidas entre os fatores naturais e humanos, num determinado território e espaço de tempo (Pinto, D’Abreu & Oliveira, 2001). Para além disso, a Paisagem é tida por muitos autores⁵ como um “sistema complexo e dinâmico, onde vários factores naturais e culturais se influenciam mutuamente e se modificam ao longo do tempo, determinando e sendo determinados pela estrutura global”. Assim, para compreender a Paisagem é necessário conhecer fatores como o relevo, hidrografia, clima, solos, fauna e flora, uso dos solos, bem como a relação desses fatores com a actividade humana ao longo do tempo (Pinto, D’Abreu & Oliveira, 2001, p.197).

A Agência Europeia do Ambiente realizou o relatório “European Landscapes” onde afirma que seja à escala local, regional, nacional ou internacional, as Paisagens exprimem a unicidade e identidade de cada lugar (*genius loci*⁶), expressando tanto a história natural como a história cultural de um dado território, num determinado espaço

⁵ (Farina; Forman & Godron; Naveh & Lieberman; Zonneveld, citados por Pinto, D’Abreu & Oliveira, 2001, p.197)

⁶*Genius Loci* – Espírito de Lugar que influenciou as civilizações Grega e Romana (www.vitruvius.com.br, consultado a Junho de 2010).

de tempo (Pinto, D'Abreu & Oliveira, 2001, p.198). Esta expressão é dinâmica e está constantemente em mudança, no entanto é única em cada lugar, criando uma identidade local para cada território (Antrop, Hughes, Buchan & Washer, citado por Pinto et al, 2001).

Vários são os autores que consideram que a interação entre o sistema natural e o sistema social confere à Paisagem uma dimensão territorial e social, uma vez que o modo de apropriação da paisagem pelas comunidades varia consoante o sistema natural e com os valores da sociedade (Andresen, Bernaldez, Saraiva, Telles, citado por Pinto et al, 2001). Na visão de Orlando Ribeiro (1993), a Paisagem que é possível observar atualmente é um produto do passado e, para Jorge Gaspar a “Paisagem torna-se um elemento tão poderoso de identificação cultural, que como a língua ou a religião – no que ela transporta de código comportamental – entra no pano de fundo do universo onírico (...)” (Gaspar, citado por Pinto, D'Abreu & Oliveira, 2001, p.198).

Segundo Janin (citado por Pinto, D'Abreu & Oliveira, 2001), na língua Francesa a palavra “pays” possui uma forte ligação com a palavra “paysage”, isto é, “pays” é “um território com uma paisagem que lhe é própria, com características naturais, sociais e culturais suficientemente homogêneas para contribuírem para a existência e reconhecimento da sua identidade, quer pelos que lá vivem como pelos que o consideram do exterior” (Pinto, D'Abreu & Oliveira, 2001, p. 198).

De acordo com o Conselho da Europa, as Paisagens são um elemento fundamental da identidade local, regional e europeia. Alguns dos elementos cuja identificação permite a análise da Paisagem a uma escala de maior pormenor são, por exemplo, “os grandes afloramentos rochosos, as linhas de água, as galerias ripícolas, as sebes de compartimentação e os muros de pedra solta”, entre outros elementos (Pinto, D'Abreu

& Oliveira, 2001, p. 200). Contudo, com o desenvolvimento do Capitalismo⁷ e com as mudanças sociais, culturais e económicas da população, a Paisagem está cada vez mais ameaçada, encontrando-se em risco de se perder (Pinto, D'Abreu & Oliveira, 2001).

Com a evolução da ciência Geográfica, o conceito de Paisagem foi sofrendo alguma estigmatização, como afirma Álvaro Domingues (2001), na medida em que, na Nova Geografia registou-se a perda da importância deste conceito. Salienta-se ainda que o “Espaço Geográfico” surge como o novo objeto de estudo da Nova Geografia (Domingues, 2001, p. 57). Ou seja, esta Nova Geografia é de base económica, fazendo com que seja considerada, por vários autores como uma Geografia que pretendia apenas a salvaguarda dos interesses do Capitalismo, fazendo com que os seus objetos de estudo fossem dedicados aos interesses mais estratégicos.

Assim, em 2000 surge a primeira constatação dos riscos a que as Paisagens estão sujeitas, na Convenção Europeia da Paisagem, em que se define uma estratégia de intervenção à responsabilidade da UNESCO e da IUCN⁸ com vista à proteção das paisagens de elevado valor cultural, natural ao qual se acrescentou ainda outras formas de Paisagens (Pinto, D'Abreu & Oliveira, 2001, p.196). Isto é, a Paisagem natural resiste de forma residual e desta forma surgem várias organizações ambientais preocupadas com a salvaguarda do ambiente, levando à adaptação do conceito de Paisagem, por outras áreas científicas (Domingues, 2001, p. 57).

Segundo a UNESCO, existem 3 critérios de classificação de Paisagens Culturais: “Paisagens intencionalmente criadas pelo Homem, por razões estéticas (parques e

⁷ Capitalismo – Sistema económico e social, baseado na propriedade privada dos meios de troca e produção. Segundo a teoria marxista: regime económico e social dominado pela procura da mais-valia graças à exploração dos trabalhadores por aqueles que possuem meios de produção e troca. Modernamente, modelo ideológico socioeconómico caracterizado, no todo ou em parte, por uma economia de mercado, livre, de lucro – privada - ou planificada, dirigida – pública -, uma economia mista (Nova Enciclopédia Larousse, 1998, p. 1426).

⁸ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Criada em 1945 (www.unesco.pt, consultado a Junho de 2010); IUCN – International Union for Conservation of Nature. Fundada em 1948 (www.iucn.org/, consultado a Junho de 2010).

jardins) normalmente associadas a edifícios ou conjuntos monumentais de carácter religioso ou outro; Paisagens que evoluíram organicamente, tendo como origem um imperativo social, económico, administrativo e/ou religioso”. Atualmente, “essas Paisagens podem constituir uma relíquia (ou fóssil) do passado, distinguindo-se e conservando-se materialmente através da presença dos seus traços originais; ou podem ainda deter um papel social ativo, associado a um modo de vida tradicional em evolução; e Paisagens cujo interesse se justifica por razões religiosas, artísticas ou culturais importantes, associadas, sobretudo, aos elementos naturais, apesar dos testemunhos culturais poderem ser insignificantes ou mesmo terem desaparecido” (Domingues, 2001, p. 64).

Assim, são várias as mudanças que surgem no conceito de Paisagem, segundo o Geógrafo Álvaro Domingues (2001). Deste modo, para este autor a Paisagem deixa de ser uma forma de património dominante da Geografia e com a introdução das novas variáveis ambientais, em campos disciplinares como a “biologia, planeamento, urbanismo, paisagismo e economia, há um forte enriquecimento da Geografia” mas, há também uma “ameaça à referenciação e caracterização do seu objecto de estudo”. A importância que nunca se perdeu da Paisagem, na área da Estética, da História de Arte, da Antropologia, da Etnologia e da Literatura contribuiu para a afirmação estética da Paisagem, isto é, a sua “artialisation” (artialização) (Roger, Berque, Lenclub, citados por Domingues, 2001, p. 58). A emergência da importância dos valores patrimoniais e ambientais dão à “Paisagem uma grande visibilidade social”, o que permite o aumento da diversidade dos estudos e dos investigadores, contribuindo também para o “reforço dos valores da autenticidade cultural das «paisagens patrimoniais»” (Voisenat, Nottechem, citados por Domingues, 2001, p. 58).

Segundo Teresa Alves (2001), a Paisagem esteve fortemente associada à concepção estética, isto é, para que um determinado espaço fosse considerado Paisagem, deveria ter uma apreciação estética favorável (Alves, 2001). A este processo dá-se o nome de “artialização”, ou seja, “conquistar os territórios para a Paisagem através de um processo de artialização, o que significa, transformar o espaço visível através de uma apreciação estética visível” (Roger, citado por Alves, 2001, p. 69). Assim, a noção de Paisagem teve sempre associada a ideia de “belo” mas, até os espaços naturais serem

transformados, segundo os critérios da estética, eram considerados “penosos e repulsivos” (Alves, 2001, p. 69). Desta forma, os espaços naturais tinham de ser submetidos a transformações estéticas para que posteriormente fossem desfrutados pela população. No entanto, com as alterações sociais e culturais que se registaram, nos últimos tempos, os espaços naturais “em bruto” voltaram a ser valorizados e preservados (Alves, 2001).

Fora do contexto científico, o conceito de Paisagem tem conotações recorrentes podendo-se referir a um sentido mais naturalista ou mais culturalista, trabalhando numa vertente mais literária referindo-se, por exemplo, ao “mundo rural, bucólico, pitoresco, “autêntico”, reflexo da imagem de uma região agrícola ideal” (Cadiou & Luginbuhl, citados por Domingues, 2001, p. 61).

3. A revalorização da Paisagem na Geografia

A Paisagem foi o principal objeto de estudo da Geografia, que com a queda da Geografia Regional e com o apogeu da Geografia Quantitativa, entrou em desuso, sendo mesmo estigmatizada durante vários anos.

No entanto, o regresso da Paisagem à Geografia fez-se a partir de várias escolas diferentes: pela renovação feita pelos Geógrafos Franceses de Bertrand e Berque e pela renovação da orientação culturalista da Geografia Humana anglo-saxónica, que se pode integrar ou não na corrente Humanista⁹. Porém, este regresso não ocorreu apenas na Geografia, mas também em diversas áreas como na Arquitetura, Literatura, Pintura, entre outras. Tal fato poderá ser explicado pelo desaparecimento sucessivo de vários tipos de paisagens, sejam elas naturais ou culturais (Gaspar, 2001), o que levou a um sentimento de “saudades” em relação à Paisagem.

Para a reintrodução da questão da Paisagem, na Geografia muito contribuiu, na década de 80, a obra “Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea” de Denis Cosgrove em 1985 (Gaspar, 2001). Segundo Jorge Gaspar (2001), Cosgrove encontra em William Bunge a mais clara afirmação da centralidade, da vista em Geografia:

⁹ Ley & Samuels, Cosgrove, Cosgrove & Daniels, Yi Fu Tuan, Crang, Mitchell, citados por Gaspar, 2001.

“Geography is one predictive science whose inner logic is literally visible (...)” (Bunge, citado por Gaspar, 2001, p.85).

Atualmente, a procura e o interesse pela Paisagem poderá resultar, segundo Jorge Gaspar (2001), das saudades das Paisagens perdidas: seja nos campos ou nas cidades.

4. A Paisagem Humanizada

A Paisagem humanizada surge quando o Homem deixa de ser nómada, para se fixar num dado território e aí desenvolver algumas atividades que permitiram a sua subsistência, nomeadamente, o pastoreio e a agricultura.

Foi com estas atividades que o ser humano iniciou o processo de transformação da paisagem, uma vez que precisava de adaptar o espaço às suas atividades.

Para o caso específico da Península Ibérica, o autor Idílio Alves de Araújo (1962) refere que até à vinda dos povos pastoreios para este território, a Península, era ocupada por povos que viviam da caça, da pesca e “da colheita dos produtos que a Natureza gratuitamente” dava, portanto, acredita-se que não terá havido uma séria intervenção, por parte do Homem, capaz de alterar a “paisagem climática que à sua volta se estendia”. Supõe-se que o território continuava a ser “coberto por um manto quase contínuo de florestas de carvalho (...), sulcadas por faixas estreitas de matas (...)” (p.17). Com os primeiros povos pastoreios foi necessário adaptar a floresta primitiva à criação de “grandes herbívoros domesticados”, e segundo I. Araújo (1962), a adaptação da floresta passou pela “destruição de andares arbustivos e subarbustivos da densa floresta primitiva, e na subsequente abertura de clareiras onde pudesse desenvolver-se a variada vegetação forrageira” (p.18). Portanto, os primeiros ocupantes da Península Ibérica não tiveram um papel ativo na transformação da Paisagem. Para além disso, apesar do autor se estar a referir ao caso da Península Ibérica, a situação dos outros territórios era semelhante, ou seja, estes também só começaram a ser transformados quando o Homem deixou de ser nómada, mero recoletor, para passar a ser produtor dos bens que consumia.

Ao longo do tempo, e com a evolução do Homem a Paisagem continuou a ser fortemente intervencionada, em função das necessidades do ser Humano. Desde da

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

abertura de estradas, a construção de pontes, e passando pelo corte de árvores para construir as embarcações, que permitiram o desenvolvimento do comércio, com a Revolução Agrícola e as *enclosures* (propriedades fechadas), com a Revolução Industrial e a consequente implantação de indústrias, em espaços rurais, a Paisagem foi sendo, ao longo do tempo, transformada. Muitas Paisagens Naturais deram lugar a Paisagens Humanizadas. As Paisagens Naturais foram perdendo a sua autenticidade: muitas foram arrasadas em função do belo, outras sucumbiram em consequência das “necessidades” do ser humano.

Porém, com a perda destas Paisagens Naturais, e com a diminuição dos espaços verdes, o Homem teve a necessidade de recriar espaços verdes, de forma a recuperar alguma qualidade de vida. Na perspectiva da Geografia Humanista, e segundo Holzer (citado por S. A. Rocha, 2007), as Paisagens são, “construídas, e constituídas de vontades, valores e memórias, as quais são baseadas em experiências do mundo, referenciais sociais e redes de interacção (...)” (p.23). Ou seja, o Homem com as suas vivências, e com a sua evolução, vai interagindo com o meio físico, com o espaço, deixando marcas profundas no nosso planeta. Com as suas atividades e ideias o ser humano vai construindo e destruindo Paisagens. Contudo, deve-se salientar que as Paisagens Naturais em bruto não são passíveis de reconstrução. Uma Paisagem Natural destruída é uma Paisagem Natural perdida. Portanto, o Homem limita-se a imitar e a copiar estas Paisagens, seja por saudade, arrependimento ou simplesmente para recuperar qualidade de vida.

Tanto no caso do Central Park (EUA) como no caso dos Bombardeamentos sobre a cidade de Londres (1940-1941), o ser humano apresenta-se como agente transformador do espaço, da Paisagem. Em duas situações muito distintas e com objetivos também muito diferentes, o ser humano promoveu esforços para transformar por completo estas duas Paisagens.

III. A Paisagem no Currículo Nacional de História e de Geografia, no 3º Ciclo do Ensino Básico

No Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais* de História e de Geografia, é possível verificar que o estudo da Paisagem é recorrente, embora nem sempre de uma forma explícita.

Deste modo, após a análise dos Currículos de História e de Geografia, e dos respectivos programas, procedeu-se à sintetização da informação analisada, ou seja, identificaram-se os grandes temas, os subtemas e as alíneas, onde a Paisagem está presente. Para além disso, identificou-se a forma como a Paisagem é possível de ser trabalhada: explícita ou implicitamente.

A análise feita sobre a disciplina de História, no 3º Ciclo do Ensino Básico, começou pelo Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais* de História. Porém, a forma como este documento é estruturado fornece muito pouca informação sobre os temas a trabalhar pelos docentes. Assim, recorreu-se ao Programa de História – *Plano de Organização do Ensino Aprendizagem*¹⁰ (1991). Este Programa é considerado um *currículo oculto*, uma vez que já não está em vigor¹¹, apesar de continuar a ser utilizado pelos Professores de História, e de estar disponível no *site* da Direcção Geral da Educação, no separador “Programas”. Portanto, a sua utilização continua a ser válida, apesar de ser um documento oficial que já não está em vigor. O Programa em questão é muito completo, fornecendo a informação necessária à análise pretendida.

Assim, após a análise do Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competência Essenciais* de História e do Programa de História – *Plano de Organização do Ensino Aprendizagem*, é possível verificar que a Paisagem está presente em 13 temas. A tabela que a seguir se apresenta, está dividida segundo o tema, o nível de escolaridade, o

¹⁰ Programa aprovado pelo Despacho n.º 124/ME/91, de 31 de Julho. Publicado no *Diário da República*, 2ª. série, n.º 188, de 17 de Agosto. Disponível em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=49> (Consultado a 18.05.2013)

¹¹ Despacho n.º 17169/2011, de 23 de Dezembro de 2011. Disponível em: http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=Despacho_n___171692011_CNEB.pdf (Consultado em Junho de 2013)

subtema, a alínea e ainda, a forma como a Paisagem é trabalhada: de forma explícita ou implícita.

Tabela nº 1- A Paisagem no Currículo/Programa de História

TEMA	Ano	SUBTEMA	ALÍNEA ¹²	PAISAGEM ABORDADA DE FORMA EXPLÍCITA	PAISAGEM ABORDADA DE FORMA IMPLÍCITA
A ¹³ – Das Sociedades recolectoras às primeiras civilizações (1) ¹⁴	7º	Sociedades recolectoras às primeiras civilizações (1.1.)	- O alargamento das áreas habitadas		X
A – Das Sociedades recolectoras às primeiras civilizações (1)		Sociedades recolectoras às primeiras civilizações (1.2.)	-Economia de produção e progressos técnicos -Formação de aldeamentos e diferenciação social		X
A – Das Sociedades recolectoras às primeiras civilizações (1)		A Civilização dos grandes rios (1.3.)	- Condições naturais: economia de excedentes, aglomerações urbanas e estratificação da sociedade		X
B- A herança do Mediterrâneo Antigo (2.)		O mundo romano no apogeu do império (2.2.)	-A civilização romana: O direito; o urbanismo		X
C. A formação da cristandade ocidental e a expansão islâmica (3.)		A sociedade europeia nos séculos IX e XII (3.3.)	- As relações feudo-vassálicas		X
D. Portugal no contexto europeu dos séculos XII a XIV (4.)		Desenvolvimento Económico, Relações Sociais e Poder Político (4.1.)	- O dinamismo do mundo rural nos séculos XII e XII		X
E. Expansão e mudança nos séculos XV e XVI (5.)	8º	O expansionismo europeu (5.1.)	- O comércio à escala mundial	X	
G. O arranque da Revolução		A Revolução Agrícola e o	- Inovações agrícolas e	X	

¹² Programa de História – Plano de Organização do Ensino Aprendizagem (1991).

¹³ Letras - Terminologia adotada no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais de História

¹⁴ Numeração de cor vermelha - diz respeito à terminologia adotada no Programa de História – Plano de Organização do Ensino Aprendizagem (1991).

FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

Industrial e o triunfo das Revoluções Liberais (7.)		arranque da revolução industrial (7.1.)	o novo regime demográfico - A revolução industrial na Inglaterra		
H. A civilização industrial no século XIX (8.)		O mundo industrializado no século XIX (8.1.)	- A expansão da Revolução Industrial - Contrastes e antagonismos sociais	X	
I.A Europa e o mundo no limiar do século XX (9.)	9º	Hegemonia e declínio da influência europeia (9.1.)	-Os impérios coloniais europeus no final do século XIX -A 1.ª Guerra Mundial		X
I.A Europa e o mundo no limiar do século XX (9.)		Sociedade e cultura num mundo em mudança (9.4.)	-Mutações na estrutura social e nos costumes		X
J. Da Grande Depressão à II Guerra Mundial (10.)		A 2.ª Guerra Mundial (10.3.)	- O desenvolvimento do conflito	X	
K. Do segundo pós-guerra aos desafios do nosso tempo (11.)		As transformações do mundo contemporâneo (11.2.)	-As sociedades ocidentais em transformação	X	

Tendo em conta o Currículo e o Programa da disciplina de História é possível verificar que a Paisagem está presente na maioria dos temas estudados em História. Esta é a ciência que estuda o Homem (e a sua evolução), tendo em conta um determinado período de tempo e um determinado espaço. No 7º ano de escolaridade, os alunos começam por abordar o Homem primitivo, desde a sua fase nómada, à sua fixação e à organização das atividades que permitiram a sua subsistência, como a agricultura e o pastoreio. À semelhança da disciplina de Geografia, os alunos começam o 7º ano a falar da Paisagem, embora o façam de forma direta em Geografia e de forma indireta em História. Nesta disciplina a Paisagem está praticamente presente em todos os temas, porém, na maior parte dos casos de forma implícita, uma vez que os alunos vão estudando a forma como o Homem se foi desenvolvendo e relacionando com espaço, ao longo do tempo. Ora, este relacionamento com o espaço, passa muitas vezes pela sua alteração, transformação. A transformação do espaço, e logo, da Paisagem, começou justamente com a agricultura e com o pastoreio. A partir deste ponto de desenvolvimento, a Paisagem sofreu sucessivas transformações, devido às atividades do ser Humano: construção de cidades; estabelecimento de espaços agrícolas; a introdução

de novas espécies vegetais (aquando da expansão marítima do século XV); com a Revolução Agrícola (*enclosures*) e Industrial (poluição urbana; transformação dos espaços rurais em espaços industriais) e mesmo com a mudança dos hábitos sociais (a valorização de espaços verdes levou à sua recriação, principalmente, nos espaços urbanos).

Ou seja, ao longo da disciplina de História, a Paisagem surge frequentemente, mas, na maior parte das vezes, é trabalhada de forma implícita. A evolução do Homem tem subjacente um constante e profundo impacto na Paisagem, levando muitas vezes à sua transformação. Portanto, a disciplina de História detém matérias fundamentais para os alunos trabalharem a apropriação do espaço, pelo Homem, e a sua consequente transformação, ao longo do tempo.

Cabe ao Professor de História gerir o currículo e trabalhar com os alunos a transformação da Paisagem, do espaço. Esta transformação permite demonstrar a evolução do ser humano, pois foi com o início do desenvolvimento do Homem que se acentuou a transformação da Paisagem.

A Geografia, como se pode ler no Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais* de Geografia, “procura responder às questões que o Homem levanta sobre o Meio Físico e Humano, utilizando diferentes escalas de análise. Desenvolve o conhecimento dos lugares, das regiões e do mundo (...)” (p.107). Ou seja, a Geografia estuda a relação do Homem com o Meio Físico: os impactos do Homem no Meio Físico e a influência do Meio Físico no Homem. Uma forma dos alunos estudarem esta ciência é através da Paisagem, uma vez que a leitura e a interpretação crítica do espaço permite ao aluno apropriar-se do conhecimento (Mussoi, A., 2008) e assim tornar-se um *cidadão geograficamente competente*. Segundo o Currículo Nacional, o *cidadão geograficamente competente* é aquele que “possui o domínio das destrezas espaciais e que o demonstra ao ser capaz de visualizar espacialmente os factos, relacionando-os entre si, de descrever correctamente o meio em que vive ou trabalha (...)” (p. 107). Assim, procedeu-se à análise do Currículo Nacional e das Orientações Curriculares de Geografia, de forma a apurar em que temas é que a Paisagem é abordada, no ensino desta disciplina, no 3º Ciclo do Ensino Básico. Ao contrário da disciplina de História,

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

na Geografia, a Paisagem possui grande importância, sendo através do seu estudo que se inicia o trabalho desta disciplina junto dos alunos do 7º ano. Em Geografia, a Paisagem está presente em todos os temas, como é possível ver na tabela que a seguir se apresenta. Esta tabela divide-se também segundo o tema, o nível de escolaridade, o subtema, e a forma como a Paisagem é trabalhada, de forma explícita ou implícita.

Tabela nº 2- A Paisagem no Currículo/Orientações Curriculares de Geografia

TEMA	ANO	SUBTEMA¹⁵	PAISAGEM ABORDADA DE FORMA <u>EXPLÍCITA</u>	PAISAGEM ABORDADA DE FORMA <u>IMPLÍCITA</u>
A Terra: Estudos e Representações	7º	- Descrição da Paisagem - Diversidade de Paisagens	X	
Meio Natural		- Clima e Formações Vegetais - Relevo - Riscos e Catástrofes	X	
População e Povoamento	8º	-Áreas de Fixação Humana - Urbanização e Ruralidade		X
Actividades Económicas		-Actividades Económicas: recursos, processos de produção e sustentabilidade - Redes e meios de transporte e telecomunicações		X
Ambiente e Sociedade	9º	- Ambiente e Desenvolvimento Sustentável	X	

Como é possível verificar, na Geografia, a Paisagem adquire um papel muito mais importante. Nesta disciplina os alunos usam as diversas Paisagens do planeta para estudarem os vários climas do mundo, o relevo, as catástrofes naturais ou as atividades económicas. É no 7º e no 9º ano que a Paisagem é mais explorada. No 7º ano para introduzir o próprio conceito e para que os alunos sejam capazes de diferenciar as Paisagens Naturais das Paisagens Humanas. No 9º ano, a grande panóplia de temas permite que a Paisagem seja fortemente usada, como por exemplo, no estudo das Alterações Climáticas, da perda de biodiversidade, da desflorestação, entre outros temas. Com o apoio do Professor de Geografia, os alunos devem ser levados a ler e a

¹⁵Geografia - Orientações Curriculares 3º Ciclo, 2001.

interpretar criticamente as Paisagens, para assim compreenderem e assimilarem os conteúdos em estudo.

Assim, como foi possível verificar, a Paisagem está presente tanto no ensino de História como no ensino de Geografia, embora seja trabalhada de forma mais ou menos explícita, consoante os Currículos Nacionais de História ou de Geografia.

IV. A abordagem à Paisagem no 3º Ciclo do Ensino Básico – Aplicação a alunos do 9º ano**1. Questões Metodológicas****1.1. O ser humano como agente transformador da Paisagem**

Aquando a análise do Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais para as disciplinas de História e de Geografia, no 3º Ciclo do Ensino Básico, concluiu-se que a Paisagem pode ser trabalhada de forma explícita, no 9º ano, tanto em História como em Geografia, durante o estudo da Unidade Didáctica “Ambiente e Desenvolvimento Sustentável” (Geografia) e dos temas “J. Da Grande Depressão à II Guerra Mundial” e “K. Do segundo pós-guerra aos desafios do nosso tempo” (História).

Assim, de forma a trabalhar a Paisagem, mais concretamente, a transformação da Paisagem pela acção do Homem, junto dos alunos do 9º ano, decidiu-se trabalhar na disciplina de Geografia o Central Park.

O Central Park é um ícone dos Estados Unidos da América, sendo o cenário de vários filmes, publicidades, livros e até mesmo de videojogos, portanto é uma realidade bem conhecida pelos alunos. Porém, a história que envolve a produção deste espaço público é desconhecida pelos alunos. Este parque aparenta ser uma verdadeira Paisagem Natural, porém é uma Paisagem totalmente construída pelo Homem. Na disciplina de Geografia, especialmente ao longo do 3º período, os alunos têm vindo a trabalhar a Unidade Didáctica “Ambiente e Desenvolvimento Sustentável”. Desta forma, estudaram ao longo das aulas questões como ameaças aos subsistemas da biosfera, poluição atmosférica, desflorestação, perda de biodiversidade, entre outros temas. A pressão sobre o espaço, feita pelo Homem, e o consequente desaparecimento dos espaços naturais (que não se iniciou no século XXI, mas sim muitos séculos antes), fez com que o ser humano tomasse consciência das agressões que estava a infligir ao Ambiente, portanto, levou a que fossem iniciados movimentos de protecção da Natureza. Porém, muitos espaços naturais acabaram mesmo por desaparecer, devido às ações do Homem, deixando na população um sentimento de saudade, de perda. Portanto, o caso da construção do Central Park é um exemplo pertinente para trabalhar a saudade do

Homem pelos espaços naturais, onde os alunos podem verificar como em muitos casos, apenas resta à humanidade meras cópias de Paisagens verdadeiramente naturais, há muito desaparecidas.

Já na disciplina de História, optou-se por trabalhar a Paisagem, através do subtema “A 2.ª Guerra Mundial” estudada no tema “J. Da Grande Depressão à II Guerra Mundial”. Aquando o estudo da 2.ª Guerra Mundial, (na alínea “o desenvolvimento do conflito”), os alunos estudam as várias fases do conflito e os principais confrontos. Dar especial importância aos bombardeamentos sofridos pela Inglaterra, entre 1940-1941, promove a reflexão dos alunos sobre um acontecimento distante no tempo, e distante geograficamente de Portugal. Um acontecimento que marcou dois países, mas também o mundo, pois caso o Regime Nazi tivesse tomado a Grã-Bretanha, com certeza a História de Portugal não seria a mesma que hoje é contada. Provavelmente, também Portugal teria sido invadido pelos Nazis, uma vez que Hitler perdia uma parte importante da sua resistência. A História e a Humanidade são muito complexas, por isso é difícil prever o que poderia ou não ter acontecido. Contudo, considerou-se importante promover a reflexão sobre esta questão.

A verdade é que a 2ª Guerra Mundial é um acontecimento “próximo” da realidade dos alunos, por um lado, porque poderão ter familiares ou amigos que tenham vivido neste período, portanto, convivem com algumas histórias que marcam esta época, mas também porque este é um tema muito popular em livros e no cinema. Como referiu Cicerón, citado por Beatriz de las Heras, “la historia es la vida de la memoria”. Para que essa memória possa ser transmitida e assim se mantenha viva, o Homem apoia-se em várias fontes e em vários recursos e um deles é o cinema (Heras, B., S/D, p. 1). O cinema com História (ciência) é um recurso que dá vida à memória, embora seja muitas vezes embelezado para assim cativar mais público e assim chegar a um maior número de espectadores. Um romance ou uma aventura são subterfúgios muitas vezes usados para transportar a História às massas. Neste sentido, poder-se-á afirmar que todos os alunos, ou quase todos, já assistiram a filmes como o “Pearl Harbor” (2001), “o Resgate do Soldado Ryan” (1998), “O rapaz do pijama às riscas” (2008) ou a “Vida é Bela” (1997), filmes que passam frequentemente na televisão e que torna acessível, a todos, algumas histórias que apesar de fantasiosas, estão muito próximas da verdade.

No entanto, não é conhecido nenhum filme comercial que retrate os bombardeamentos feitos pela Alemanha à Inglaterra, entre 1940-1941. Existe porém um documentário, “The Blitz: London's Longest Night”, realizado em 2005, pelos Estados Unidos da América, com cerca de 95 minutos, onde é possível visualizar imagens reais dos bombardeamentos, assim como testemunhos de sobreviventes. Tendo em conta a pesquisa elaborada, este foi um documentário que não foi transmitido na televisão portuguesa.

Para além do possível desconhecimento dos alunos, sobre este tema, e no contexto do estudo da Paisagem, mais concretamente, a transformação das Paisagens, considera-se que os bombardeamentos da cidade de Londres, durante a 2ª Guerra Mundial, é um exemplo pertinente para trabalhar a transformação da Paisagem, sendo o ser humano o agente dessa transformação. Posto isto, torna-se necessário fazer uma breve síntese deste conflito aéreo que marcou profundamente a Grã-Bretanha, neste período.

1.1.1. Os Bombardeamentos em Londres, durante a 2.ª Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial é um dos conflitos armados mais conhecidos, especialmente juntos dos alunos, por se tratar de um acontecimento muito forte, muito singular e ainda presente na sociedade actual. Este conflito foi responsável pela morte de aproximadamente 46 milhões de pessoas (civis e militares) e durou 2174 dias, desde da invasão da Polónia pela Alemanha (1939) até que o Japão se rendeu em 1945 (Gilbert, M., 2009).

Com a 1ª Guerra Mundial, a indústria de guerra sofreu um enorme desenvolvimento, nomeadamente no que se refere ao bombardeamento aéreo, após 1918. A partir desta data, os aviões tornaram-se mais rápidos, com maior capacidade de carga, as explosões tornaram-se mais potentes, a precisão foi melhorada e o alcance aumentou bastante. Como Nornam Davies referiu (2008) tornou-se possível “matar muito mais pessoas com muito menor esforço” (p. 328). A 2ª Guerra Mundial incidiu, principalmente, no espaço urbano de muitos países, com maior expressão na Europa Ocidental. Ao contrário da 1.ª Guerra Mundial, assistiu-se neste conflito a uma guerra travada entre exércitos e populações civis desarmadas. As trincheiras foram substituídas pelas cidades, e a população passou a estar diretamente envolvida, como um trunfo para os líderes

cederem e assim baixarem as armas mais facilmente. Os bombardeamentos aéreos foram muitas vezes combinados com ataques terrestres, por parte do regime nazi, o que provocou um “sofrimento atroz” a várias cidades (Davies, N., 2008, p.329). Um dos países que muito sofreu com os ataques aéreos nazis foi a Inglaterra.

A 2.^a Guerra Mundial teve início no mês de Setembro de 1939, com a invasão da Polónia pela Alemanha Nazi. Quase um ano depois, e já com grande parte da Europa dominada, surge o *dia da Águia*, a 13 de Agosto de 1940. O *dia da Águia* foi a 4.^a campanha militar alemã em menos de um ano, e teve como alvo a Inglaterra. Esta campanha, no entanto, apenas previa ofensivas aéreas (Gilbert, M., 2009). A este conjunto de ofensivas aéreas foi dado o nome de “Batalha da Inglaterra”, que ficou marcada pelos bombardeamentos diários, realizados sobre o sul deste país (Davies, N., 2008, p.106). Estes bombardeamentos tinham como principal objectivo neutralizar pontos estratégicos nesta nação, onde se destacam as bases aéreas, para desta forma acabar com o poderio aéreo inglês. Assim, a 13 de Agosto de 1940 a Inglaterra vê atravessar o canal da Mancha cerca de 1485 aviões, porém, apesar da força alemã, a Grã-Bretanha conseguiu resistir perdendo nesse dia apenas 13 aviões, face aos 45 aviões alemães abatidos (Gilbert, M., 2009). Iniciou-se assim uma dolorosa batalha aérea entre a Grã-Bretanha e a Alemanha.

À medida que os ataques aéreos iam ocorrendo, os líderes britânicos ficaram a saber exactamente o que estava em causa nessa batalha, através das “mensagens Enigma da Força Aérea alemã” interceptadas. Na verdade o regime nazi não tinha tomado uma decisão definitiva quanto à invasão (Gilbert, M., 2009, p.160), ou seja, só depois de conhecer o resultado da batalha pela hegemonia aérea é que os alemães estavam em condições de decidir se podiam ou não avançar com a operação “Leão Marinho” (Davies, N., 2008, p.106), ou seja, invadir a Inglaterra por terra.

A 15 de Agosto os alemães colocaram em prática a “prova decisiva”, ou seja, se nesse dia o “ataque fosse bem-sucedido talvez ainda fosse possível lançar uma ofensiva antes da tempestade de Outono” (Gilbert, M., 2009, p.161). Para isso, atravessaram o canal da Mancha 520 bombardeiros e 1270 aviões de combate. Mas, mais uma vez, o lado alemão somou mais baixas que o lado britânico: 75 aviões nazis destruídos contra 34

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

baixas do lado britânico. Porém, no dia seguinte o regime nazi lançou uma nova ofensiva, onde abateram 45 aviões britânicos, que se encontravam no solo, em Brize Norton, mais 13 aviões noutras bases aéreas, no sul da Inglaterra. Face a este acontecimento, a rádio alemã anunciava a vitória. Segundo um relato de um oficial canadiano, o regime nazi anunciou “que o Sudoeste da Inglaterra está em ruínas e a moral da população completamente em baixo”. Mas para este oficial canadiano “ (...) a verdade é que há muitos buracos bem grandes em bastantes campos e que alguns edifícios foram destruídos. Mas também há bombardeiros e aviões de combate alemães espalhados por todo o lado entre Maidstone e Guildford. Quanto ao moral – continua a subir, a subir cada vez mais” (Gilbert, M., 2009, p.161). Ou seja, os alemães festejavam uma missão bem-sucedida, quase que esquecendo e ignorando todas as baixas, até a este dia sofridas, nesta batalha aérea.

Apesar do lado alemão ter anunciado a vitória, no dia 16, logo no dia seguinte viram-se forçados a diminuir a sua ofensiva. O motivo residia no facto dos aviões de combate usados, os Stukas, mostrarem-se muito “vulneráveis” e por isso tornou-se necessário retirá-los dos combates (Gilbert, M., 2009, p.161-162). Foi neste dia que o lado britânico iniciou a retaliação: “nesse dia, os bombardeiros britânicos atravessaram a Mancha e o mar do Norte no sentido oposto ao dos atacantes diurnos”, o objetivo foi bombardear refinarias de petróleo e fábricas de armamento (Gilbert, M., 2009, p. 162). Foi também neste mesmo dia que a Grã-Bretanha iniciou a contagem das suas baixas, desde do 1º dia de guerra: 8266 marinheiros, 4400 soldados e 729 civis, vítimas dos ataques aéreos alemães. Quanto aos pilotos e tripulantes mortos ou desaparecidos, estimava-se que as baixas rondavam os 3851 indivíduos (Gilbert, M., 2009).

A 18 de Agosto os alemães voltaram a atacar, mas as suas perdas foram consideráveis. No dia seguinte, não houve qualquer ataque por parte do regime nazi e, na perspectiva de Churchill esta pausa foi um erro grave para os alemães, pois foi o tempo necessário para preparar a retaliação britânica. Desde o início dos bombardeamentos, ou seja, desde do dia 13 até ao dia 18 de Agosto, apesar de intensidade dos ataques, o líder do regime nazi ainda não tinha reunido as condições necessárias para a invasão por terra. Paralelamente, o primeiro-ministro britânico, W. Churchill declarava que as suas forças continuariam a atacar alvos estratégicos alemães, pois, segundo este líder, o

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

bombardeamento da Alemanha era “o mais seguro” ou até o mais curto “de todos os caminhos para a vitória” (Gilbert, M., 2009, p.163). Neste clima de ataques, há um dia que se destaca na história da Batalha da Inglaterra. A 23 de Agosto, as forças nazis lançam mais uma ofensiva aérea contra fábricas de aeronáutica e contra reservatórios de petróleo. Porém, aproximadamente 12 bombardeiros acabaram por se desviar das rotas e lançaram bombas diretamente sobre a cidade de Londres, causando a morte de 9 londrinos. Dois dias depois, por coincidência ou não, o mesmo aconteceu na Alemanha: alguns bombardeiros britânicos que deveriam atacar fábricas alemãs ficaram desorientados pelas nuvens baixas e acabaram por se desviar também da rota estabelecida, lançando as suas bombas no centro de Berlim (Gilbert, M., 2009).

O regime nazi estava decidido a acabar com o poderio aéreo da Grã-Bretanha, pois desta batalha dependia a decisão de invadir ou não a Inglaterra. Face à importância desta questão, a Alemanha continuava a fazer fortes investidas aéreas contra os britânicos. A prova da continuidade dos ataques são as declarações feitas pelo líder nazi, a 4 de Setembro de 1940: “quando eles declaram que vão intensificar os ataques às nossas cidades, nós respondemos que vamos arrasar completamente as cidades deles” e disse ainda “virá o dia em que um de nós acabará por ceder, e não será a Alemanha Nacional Socialista a fazê-lo.” (Gilbert, M., 2009, p. 166).

Os sucessivos bombardeamentos que pretendiam destruir “docas, linhas férreas, fábricas e navios” não previam a salvaguarda da vida dos civis. Só na primeira noite dos bombardeamentos noturnos, a 7 de Setembro de 1940, no ataque à “Docklands”, morreram cerca de 2000 cidadãos londrinos (Davies, N., 2008, p. 107). Nesse dia foram largadas, em Londres, 337 toneladas de bombas. Os alvos preferenciais eram os bairros existentes nas docas: pobres e muito povoados (Gilbert, M., 2009). A intenção da Alemanha era fazer a “Grã-Bretanha cair de joelhos, tanto a nível económico como a nível psicológico” (Davies, N., 2008, p. 107). Um dia depois deste ataque direto à cidade, 200 bombardeiros alemães atacaram as centrais elétricas e as comunicações ferroviárias da cidade, no entanto, o lado britânico conseguiu abater 88 aviões alemães, face a um total de perdas muito inferior ao regime nazi. Nesse mesmo dia, o primeiro-ministro britânico visitou um “abrigo aéreo do East End de Londres”, onde 40 cidadãos tinham perdido a vida nos bombardeamentos na noite de 7 de Setembro. Perante a visita

de W. Churchill, um dos sobreviventes declarou: “Nós aguentamos. Pague-lhes na mesma moeda!” (Gilbert, M., 2009, p.168).

Os bombardeamentos alemães continuaram, e a população britânica começava a dar sinais de estar “esgotada e muito receosa” (Gilbert, M., 2009, p. 168). Enquanto isso, os britânicos faziam o mesmo que os seus atacantes: largavam bombas pela capital da Alemanha. Segundo o líder nazi, as condições para invadir a Inglaterra ainda não estavam reunidas, por isso era essencial continuar a bombardear aquela nação, para a enfraquecer e para a fazer cair. Mas, na perspectiva de W. Churchill, a Alemanha não estava a fazer mais do que a gastar e a destruir indirectamente a sua própria força aérea, uma vez que a força britânica resistia firmemente aos ataques nazis (Gilbert, M., 2009). Segundo o primeiro-ministro britânico a gratidão “de todos os lares da nossa ilha, do nosso Império, e afinal do mundo inteiro, excepto das moradas dos culpados, vai para os aviadores britânicos que, não se deixam intimidar pela sua inferioridade numérica, incansáveis no seu desafio constante frente a um perigo mortal, fazem mudar a maré da guerra com as suas proezas e a sua dedicação”, referindo ainda: “Nunca, no campo dos conflitos humanos, tantos deveram tanto a tão poucos.” (Gilbert, M., 2009, p. 163).

A intenção da Grã-Bretanha era sobreviver e manter-se independente. De facto conseguiu, mas com muito sofrimento. O número de mortos e feridos em consequência desta batalha são assustadores: entre o dia 7 de Setembro de 1940 e o dia 1 de Janeiro de 1941, registaram-se 13 339 mortos e 17 937 feridos, e entre 10 e 11 de Maio de 1941 perderam a vida 1436 pessoas e 1752 ficaram feridas (Briggs, A., 1994), tudo apenas na capital londrina. No total, o Reino Unido perdeu cerca de 60 000 pessoas e a capital, Londres, perdeu 43 000 pessoas, tudo entre 1940-1941 (Davies, N., 2008). Os alemães ficaram surpreendidos com a capacidade de resposta da Grã-Bretanha. Os britânicos sofreram com os ataques alemães, mas “não sucumbiram “e Hitler teve assim que adiar “para mais tarde” a invasão da Grã-Bretanha (Gilbert, M., 2009, p. 170).

1.1.2.O Central Park

A prática de ajardinar quintas e quintais da Antiguidade foi substituída no século XIX, pelas paisagens de arvoredos, manchas de matas e pastagens relvasas, denominadas pelos Ingleses de “Landscape Gardening” (ajardinamento da paisagem) (Fundação de Serralves, 1988, p. 45).

Estes parques conjugavam uma arquitetura decorativa inspirada muitas vezes em modelos orientais, medievais e da antiguidade. Para além disso, recorria-se frequentemente ao uso de várias espécies vegetais exóticas, que os “viveiristas” industriais forneciam aos colecionadores e horticultores amadores. Deste modo, os jardins europeus possuíam um certo exotismo, devido à influência oriental na prática de ajardinamento (Fundação de Serralves, 1988, p. 46).

Assim, em França o ajardinamento da paisagem ficou conhecido como “parques”, enquanto em Inglaterra, devido ao facto da palavra “garden” ter um significado muito amplo, uma vez que engloba os jardins, quintas, cercas e tapadas, o fenómeno do ajardinamento da paisagem ficou então conhecido como “Landscape Gardens”. Em Portugal esta tendência ficou conhecida como “Jardins Paisagistas” (Fundação de Serralves, 1988, p. 45).

O Central Park é um dos grandes exemplos do *ajardinamento da paisagem*, e situa-se nos Estados Unidos da América, em Nova Iorque, mais especificamente em Manhattan, uma das cinco “vilas”¹⁶ desta cidade.

Este é um parque construído de raiz, no final do século XIX e, como todas as grandes obras, passou por diversas fases até ser o parque que conhecemos atualmente. O Central Park não é, segundo Kenneth Jackson (2003), o parque público mais antigo do mundo, nem mesmo dos EUA. Porém, até 1858, nenhuma cidade americana oferecia a toda a população grandes espaços públicos, uma vez que se considerava que este tipo de parques eram excelentes refúgios para os traficantes e para os sem-abrigo. Para além disso, só a população mais abastada é que tinha por tradição criar este tipo de espaços, mas para o seu próprio lazer. Na Europa, os parques públicos eram comuns, nas grandes capitais. No entanto, estes foram criados pelos seus monarcas, sendo usufruídos de

¹⁶ *boroughs*

forma privada. Só mais tarde é que acabaram por ser transformados em espaços públicos. Portanto, segundo o mesmo autor, o que tornou o Central Park único, foi o facto de ter sido criado para ser desfrutado por toda a população, independentemente da sua classe económica (Jackson, K., 2003).

Na época, os habitantes de Nova Iorque desejavam um parque onde pudessem praticar desportos e relaxar. Para além disso, pretendiam também ter um espaço onde fosse possível fazer paradas militares e os seus treinos. Portanto, um parque público foi visto por muitos como o espaço ideal para estas atividades, sendo um obra muito desejada pela população (Miller, S., 2003).

O Central Park é da responsabilidade do arquiteto Calvert Vaux e do arquiteto paisagista Fredeick Law Olmsted. Juntos, estes dois arquitetos criaram o projeto “Greensward Plan”, para um concurso aberto em 1857, onde se pretendia encontrar o melhor projeto para o grande espaço verde a construir na cidade. O “Greensward Plan” foi o último projeto a ser entregue (nº 33) e já em atraso, tendo sido o plano vencedor. Contudo, o Central Park já vinha a ser pensado desde 1853 e, inclusivamente, já existia um projeto, da responsabilidade do engenheiro Egbert Viele. Ao ver o esboço do engenheiro Viele, o arquiteto C. Vaux ficou “horrorizado”. Assim, fez todos os possíveis para tentar convencer os Comissários do Parque de que o plano do engenheiro Viele “não era de facto nenhum projecto” e que por isso deveriam criar um concurso para escolherem o melhor plano, pois o Central Park era uma obra civil de grande importância (Miller, S., 2003, p.75). O Central Park teve um custo estimado de 1,5 milhões de dólares e foi totalmente criado pelo Homem, “a man-made landscape”. Porém, são muitos aqueles que acreditam que este parque é o último resto das formas naturais de Manhattan, como refere Kenneth Jackson (2003). Para a concretização do projeto “Greensward Plan” foram precisos 20 anos de construção e de centenas de trabalhadores para cavar os lagos e construir as colinas projetadas (Jackson, K. 2003). Os 843 hectares do parque assemelham-se a uma verdadeira paisagem natural, e por isso muitos acreditam que é o último testemunho do passado, daquela cidade.

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Para construir o Central Park foi necessário expropriar¹⁷ a população que habitava nesse espaço, na sua maioria emigrantes¹⁸. As habitações pobres que ocupavam aquela área foram arrasadas para dar lugar a um importante espaço público. Assim, este parque surge no final do século XIX como o maior exemplo americano da junção da estética, da engenharia e da arquitetura. Como afirma K. Jackson (2003), “acima do solo está uma paisagem produzida”, que copia a natureza pormenorizadamente, não dando a ideia de que é uma fabricação. Paralelamente, abaixo do solo está um sistema tecnológico que permitiu produzir uma Paisagem muito semelhante a uma Paisagem *verdadeiramente* Natural (p.12). Sendo totalmente produzido pelo Homem, tornou-se necessário transformar um espaço habitacional num parque público. Neste sentido, foram criados grandes prados com recurso à explosão dos afloramentos rochosos, os pântanos foram drenados e foram preenchidos com terra. Os lagos “naturais” foram cavados pelos trabalhadores e enchidos com o mesmo sistema usado nas casas de banho e cozinhas (Jackson, K., 2003). O Central Park levou aproximadamente 3 milhões de metros cúbicos de solo e 270.000 de árvores e arbustos¹⁹. O que tornou este parque tão natural e real foi o solo, as rochas, a relva, as árvores e as flores verdadeiras que o compunham (Jackson, K., 2003).

Os jardins e parques que foram feitos anteriormente ao Central Park, influenciaram os seus *designs*, mas para além disso, também as paisagens campestres ou as paisagens naturais “melhoradas” pelo Homem tiveram a sua influência no plano concebido por Vaux e por Olmsted. Ao estudar o Central Park é possível perceber os motivos desta obra ser considerada um dos maiores trabalhos desenvolvidos no século XIX, como afirma K. Jackson (2003). Este parque apelava às necessidades psicológicas dos indivíduos, como afirmavam os seus criadores: Vaux e Olmsted. Na perspectiva destes, um visitante podia encontrar paz e solidão nos espaços “privados” da floresta, nas pequenas clareiras. Mas podia também apreciar o lado mais social que o parque oferecia (Miller, S., 2003, p.95).

Após a morte do arquiteto C. Vaux, o grande impulsionador do Central Park, este sofreu um longo período de abandono e de decadência, devido ao desinteresse das forças

¹⁷ Expropriar - Acto de tirar algo a alguém em troca de uma indemnização.

¹⁸ <http://www.centralpark.com/guide/history.html> (Consultado em Maio de 2013)

¹⁹ *Idem* (Consultado em Maio de 2013)

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

políticas, da época. Durante vários anos as autoridades não se preocuparam com a manutenção deste espaço. Já no século XX, com o eclodir da crise de 1929, muitas pessoas desempregadas e sem casa viram-se obrigadas a viver em bairros de lata, os conhecidos “Hoovervilles”.²⁰ Também o Central Park foi ocupado por estes bairros de lata, contribuindo ainda mais para a degradação deste espaço.²¹

Porém, em 1934 o urbanista Robert Moses inicia a requalificação do Central Park, devolvendo-lhe a função para a qual foi criado: o Central Park voltou a ser um espaço lúdico, recreativo e de ócio. Hoje é um dos parques mais conhecidos do mundo, sendo o cenário escolhido para vários filmes, eventos e comemorações²²

²⁰ Bairros de lata que ficaram conhecidos por “Hoovervilles”, pois eram muitos aqueles que culpavam o Presidente Americano Hebert Hoover, pelo eclodir da crise de 1929.

²¹ <http://historiasdenuevayork.wordpress.com/2013/01/27/paseos-de-domingo-por-central-park-historia-del-parque-capitulo-3-gran-depresion-y-era-moses-1900-1960/> (Consultado a de Maio de 2013)

²² *Idem*

1.2. Instrumentos para a recolha de dados

De forma a recolher os dados necessários à elaboração deste relatório de estágio, cujo tema se relaciona com o estudo da Paisagem e o modo como é transformada pelo ser humano, nas disciplinas de História e de Geografia, foram elaborados roteiros temáticos, para serem aplicados em ambas as disciplinas, em duas turmas diferentes²³.

Assim, os dossiers de trabalho foram divididos em três grupos. O primeiro, dispunha de um pequeno texto informativo, um mapa com a localização das áreas em análise e quatro fotografias, que representavam o espaço em estudo, em diferentes períodos temporais. O segundo grupo possui um conjunto de perguntas exploratórias. Estas questões pretendiam que os alunos observassem e analisassem as paisagens e assim identificassem, classificassem e descrevessem as paisagens em estudo. O terceiro e último grupo apresenta uma atividade mais prática e onde os alunos podiam usar a sua criatividade. Através de um texto, seguindo os parâmetros previamente estabelecidos, os alunos deviam descrever e dar a sua opinião relativamente ao tipo de transformação, das paisagens que estavam a trabalhar.

Nestes dois recursos utilizou-se a fotografia para, assim, demonstrar a evolução de dois espaços específicos. Para a disciplina de História²⁴ optou-se por se trabalhar com os alunos a transformação ocorrida na cidade de Londres, após os bombardeamentos alemães, durante a 2.^a Guerra Mundial, entre 1940-1941. Pretendia-se que os alunos observassem e analisassem a transformação feita na Paisagem, pelo Homem, e assim, estabelecessem comparações entre os mesmos espaços, em períodos temporais distintos, mais concretamente, a catedral de St. Paul e as docas junto à London Bridge em 1930 e em 1940, após uma série de bombardeamentos. Para esta análise foram fornecidas aos alunos quatro fotografias, duas que representavam a Catedral de St. Paul antes e depois dos bombardeamentos e duas que exibiam as docas junto à London Bridge antes e após os bombardeamentos, como é possível ver nas imagens que a seguir se apresentam.

²³ (anexo A e B).

²⁴ (anexo A)

Figura nº 1 – Dossier de História (1)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS INFANTE D. HENRIQUE Nome _____ Nº _____ Data _____

ESCOLA BÁSICA GOMES TEIXEIRA

HISTÓRIA – 9º ANO – (2012/2013) – Fim de trabalho

Grupo I

Lê atentamente o seguinte documento:

1. Os bombardeamentos alemães, na Inglaterra

O "dia da Águia", 13 de Agosto de 1940, foi a 4ª campanha militar alemã em menos de um ano, e teve como alvo a Inglaterra. Esta campanha, no entanto, apenas previa ofensivas aéreas. A este conjunto de ofensivas aéreas foi dado o nome de "Batalha da Inglaterra".

A Batalha da Inglaterra foi assim uma série de bombardeamentos diários sobre o sul da Inglaterra. Estes bombardeamentos tinham como principal objetivo neutralizar pontos estratégicos neste país, onde se destacam as bases aéreas, para desta forma acabar com o poderio aéreo inglês. Só assim, os alemães sabiam se podiam ou não avançar com a operação "Leão-marinho", ou seja, invadir a Inglaterra por terra.

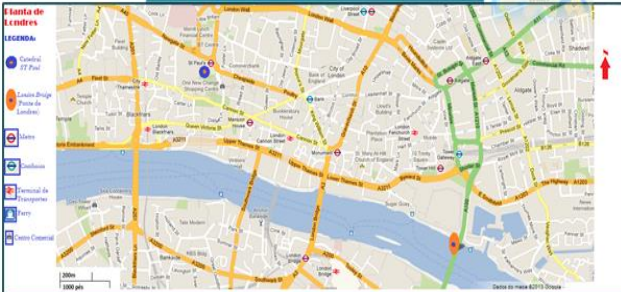
Os sucessivos bombardeamentos que pretendiam destruir "docas, linhas férreas, fábricas e navios" não previam a salvaguarda da vida dos civis. Só na primeira noite dos bombardeamentos nocturnos, a 7 de Setembro de 1940, no ataque à "Docklands", morreram cerca de 2000 cidadãos londrinos. A intenção da Alemanha era fazer a «Grã-Bretanha cair de joelhos, tanto a nível económico como a nível psicológico. Só em Londres, entre 1940 e 1941 perderam a vida cerca de 45 000 pessoas.

Mas, os alemães ficaram surpreendidos com a capacidade de resposta da Inglaterra. Os ingleses sofreram com os ataques nocturnos, mas não sucumbiram e Hitler teve assim que adiar (para mais tarde) a invasão da Grã-Bretanha.

"A Batalha de Inglaterra"
(adaptado de M. Gilbert [2009] e N. Davies [2008])
Professora Daniela Almeida

2. Planta de Londres (parcial) 2013

Nota:
GRã-BRETANHA é o nome da grande ilha onde ficam três nações: Inglaterra, País de Gales e Escócia.
REINO UNIDO é um Estado formado por quatro nações: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte.
ILHAS BRITÂNICAS é um arquipélago formado por várias ilhas. As duas maiores são a Grã-Bretanha e a ilha da Irlanda.



Bom Trabalho

Professora Daniela Almeida

Figura nº 2 – Dossier de História (2)

Grupo II

Observe atentamente as fotografias:

Londres antes dos bombardeamentos da II Guerra Mundial



Documentário nº 1 – Catedral St Paul, 1880

A Catedral de São Paulo (St Paul) foi construída naquele que era o ponto mais alto da cidade de Londres, entre 1675 e 1710, em honra de São Paulo.

Este foi a primeira Catedral a ser construída após a Reforma Inglesa, no século XVI, quando o Rei Henrique VIII anulou a Igreja Anglicana.

Modelo:
St Paul's Churchyard,
London
EC4M 8AD, United Kingdom

Adaptado de: <http://www.stpauls.co.uk/Cathedral-History> (Consultado a 12.03.2013)



Documentário nº 2 – Tower Bridge (Ponte de Londres) 1930

Os planos para a London Bridge surgiram por volta de 1875, quando surge a necessidade de expandir a cidade para a outra margem do rio Tâmisa.

A ponte foi desenhada pelo arquiteto Joseph Jones com a colaboração de John Wolfe Bartu, estando completa em 1894.

Para a construção desta ponte foram necessários cerca de 450 trabalhadores e 11.000 toneladas de aço. Na época muitas pessoas não gostavam do seu design, gótico vitoriano, mas atualmente, a London Bridge é um dos principais símbolos de Londres.

Adaptado de: <http://www.avisionofiles.com/london/towerbridge.htm> (Consultado a 12.03.2013)

Londres após os bombardeamentos da II Guerra Mundial



Documentário nº 3 – Catedral St Paul após os bombardeamentos... 1940



Documentário nº 4 – Vista do rio Tâmisa de pontes bombardeadas... 1940

Bom Trabalho

Professora Daniela Almeida

Figura nº 3 – Dossier de História (3)

Depois de teres observado muito bem todas as fotografias, responde às seguintes questões:

1. Em que cidade ocorreu este acontecimento?
2. Em que contexto surgem estas fotografias?
3. Qual a importância destas fotografias para a história de Inglaterra?
4. Que tipo de Paisagem é possível observar nas fotografias?

Paisagem Natural ☐

Paisagem Humana ☐

Bom Trabalho!

Professora Daniela Almeida

5

4.1. Quais são os elementos, que distinguem nas fotografias, que te permitem chegar a esse conclusão?

5. Descreve como estava a paisagem antes dos bombardeamentos:

6. Identifica as principais transformações ocorridas após os bombardeamentos:

7. Que tipos de consequências poderão resultar destes acontecimentos?

Bom Trabalho!

Professora Daniela Almeida

6

Figura nº 4 – Dossier de História (4)

8. Na tua opinião, refere o que achas mais grave e descreve uma paisagem natural (por exemplo o Parque Nacional da Peneda-Gerês) ou, descreve uma paisagem humana (por exemplo a cidade de Lisboa).

8.1. Porquê?

Bom Trabalho!

Professora Daniela Almeida

7

Grupo III

Olá! Imagina que és um turista e que visitaste Londres em 1930, antes dos bombardeamentos alemães. Em 1941 voltaste a visitar Londres, já depois dos bombardeamentos.

Com base em todas as fotografias que te são disponibilizadas nesta ficha, escreve um postal a um amigo português.

Nesse postal tens de:

- Descrever a Paisagem que observaste antes dos bombardeamentos;
- Descrever a Paisagem que observaste depois dos bombardeamentos;
- Dar a tua opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem, ocorrida em Londres (tendo em conta o antes e o depois).

Bom trabalho!

1930

As docas junto à London Bridge antes e depois dos bombardeamentos, Londres

1930

Catedral de St Paul, antes e depois dos bombardeamentos, Londres

1940

BILHETE POSTAL

1940

1930

1940

Bom Trabalho!

Professora Daniela Almeida

8

No caso de Geografia, trabalhou-se igualmente a transformação da Paisagem, fruto da ação humana, a partir da análise do caso específico do Central Park²⁵. Assim, foram disponibilizadas aos alunos quatro fotografias, nas quais podiam observar e analisar a evolução do espaço onde se localiza atualmente o Central Park, desde da sua ocupação

²⁵ (anexo B)

FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DO PORTO

habitacional, na segunda metade do século XIX, aos *Hoovervilles*²⁶, na década de 30, do século XX, até à atualidade, como se vê nas seguintes imagens.

Figura nº 5 – Dossier de Geografia (1)

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS INFANTE D. HENRIQUE Nome _____ NR _____ Data _____

ESCOLA BÁSICA GOMES TEIXEIRA GEOGRAFIA – 9º ANO – (2012/2013) – Fichas de trabalho

Grupo I

O Central Park, foi o primeiro parque público paisagístico, nos Estados Unidos da América. Este foi um projeto que começou a ser pensado por volta de 1853.

Para a sua concretização tornou-se necessário expropriar¹ a população que habitava nesse espaço, na sua maioria emigrantes. O território escolhido para a implementação do parque, localiza-se no centro de Manhattan (em Nova Iorque), e era um terreno pantanoso e rochoso, que em 1858 ganha um projeto de transformação, cuja responsabilidade foi de Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, ficando concluído em 1873. Porém, com a morte de Calvert Vaux, o parque entra num processo de decadência, devido ao desinteresse das forças políticas da época. Durante vários anos as autoridades não se preocuparam com a manutenção deste espaço. Já no século XX, com o ecodir da crise de 1929, muitas pessoas desempregadas e sem casa viram-se obrigadas a viver em bairros de lata, os conhecidos "Hoovervilles". Também o Central Park, foi ocupado por estes bairros de lata, contribuindo ainda mais para a degradação deste espaço. Porém, em 1934 o urbanista Robert Moses inicia a requalificação do Central Park, devolvendo-lhe a função para a qual foi criado: o Central Park, voltou a ter a sua função lúdica, recreativa e de ócio. Hoje é um dos parques mais conhecidos do mundo, sendo o cenário escolhido para vários filmes, eventos e comemorações².

¹ Expropriar - Acto de tirar algo agüem em troca de uma indemnização.
² Bairros de lata que ficaram conhecidos por "Hoovervilles", pois eram muitos aqueles que culpavam o Presidente Americano Herbert Hoover, pelo ecodir da crise de 1929.

Som Traballu | ©
Professora Daniela Almeida, 2013



As vilas de Nova Iorque – Planta de Manhattan

✓ Nova Iorque é composta por cinco boroughs: **Manhattan**, **Brooklyn**, **Queens**, **Staten Island** e **Long Island**.

¹ Adaptado de: <http://www.centralpark.com/guide/history.html> e de <http://historiadenovayork.wordpress.com/2013/01/07/parques-de-domingo-ao-central-park-historia-de-parque-capitulo-3-grande-de-novayork-em-moses-1900-1960/> (Sites consultados a 2 de Maio de 2013)

Som Traballu | ©
Professora Daniela Almeida, 2013

Figura nº 6 – Dossier de Geografia (2)

Grupo II

Observe atentamente as fotografias:



Documento nº 1 – Espaço onde foi construído o Central Park, Nova Iorque, EUA
Segunda metade do século XIX.



Documento nº 2 – Hooverville, Central Park – Great Depression, Nova Iorque, EUA
1933.

Som Traballu | ©
Professora Daniela Almeida, 2013



Documento nº 3 – Central Park, Nova Iorque, EUA
Atualmente



Documento nº 4 – Central Park – Great Depression, Nova Iorque, EUA
Atualmente

Som Traballu | ©
Professora Daniela Almeida, 2013

²⁶ Bairros de lata construídos, nos EUA, na década de 30 do século XX, aquando a crise de 1929. O nome dado aos bairros de lata está intimamente ligado ao Presidente H. Hoover, uma vez que a população o culpava pelo ecodir da crise de 1929.

Figura nº 7 – Dossier de Geografia (3)

Depois de teres observado muito bem todas as fotografias, responde às seguintes questões:

- Identifica o espaço onde se localiza esta paisagem:

- Que tipo de Paisagem é possível observar nas fotografias?
Paisagem Natural ☐
Paisagem Humana ☐
- Identifica os elementos, presentes nas imagens, que te permitem chegar a esse conclusão:

- Refere se o Central Park pode ou não ser considerado uma Paisagem Natural.
Porquê?

4. Refere a importância destas fotografias para a cidade de Nova Iorque.

5. Na tua opinião, refere o que será mais grave o Homem fazer: destruir uma paisagem natural (por exemplo o Parque Nacional de Peneda Gerês) ou destruir uma paisagem humana (por exemplo a cidade de Lisboa):

5.1. Porquê?

Com Trabalho! ©
Professora Daniela Alameda

Grupo III

Olá! Imagina que és um turista a visitar o Central Park, nos Estados Unidos da América.

Com base em todas as fotografias que te são disponibilizadas neste dossier, escreve um postal a um amigo.

Nesse postal tens de:

- Descrever a Paisagem que observas;
- Dar a tua opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem, feita no Central Park (tendo em conta o antes e o depois).

Bom trabalho!

Com Trabalho! ©
Professora Daniela Alameda

Figura nº 8 – Dossier de Geografia (4)



As fotografias disponibilizadas são um importante testemunho da evolução que os dois espaços em questão sofreram. Ou seja, através das imagens fornecidas, os alunos tiveram a oportunidade de observar a transformação da Paisagem, sendo o agente dessa transformação, o Homem. Assim, e tendo em conta a informação que as fotografias forneciam, os alunos foram levados a refletir sobre o seu conteúdo.

1.2.1. Notas sobre a Fotografia como recurso didático

Desde épocas muito remotas que o Homem teve a “necessidade de reproduzir o real e deixar uma marca do seu pensamento” como afirma Pierre-Jean Amar (2007, p. 9). As primeiras representações do real foram feitas através das imagens, ou seja, das pinturas rupestres. Portanto, a representação, através de imagens, acaba por ser uma necessidade intrínseca ao Homem, pois acompanha a sua evolução desde da sua forma mais primitiva. Para o mesmo autor a pintura pretendia representar de forma “mais fiel possível o real”, o que acabou por ser possível com a fotografia. Quanto à paisagem, esta faz parte da história da fotografia desde da sua forma mais básica (Amar, P., 2007, p.54).

A fotografia possibilitou ainda (e continua a possibilitar) “conhecer regiões longínquas”, principalmente para aqueles que não tinham possibilidade de viajar (Amar, P., 2007, p.54), ou seja, tornou o mundo portátil. A fotografia é, como afirma A. Mussoi (2008), o registo “visual de um determinado espaço, num momento histórico” e segundo a perspetiva de um observador. No campo do ensino, a utilização da fotografia apresenta imensas potencialidades. Como referiu Beatriz de las Heras, numa comunicação feita na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sobre a “Imagem”,²⁷ há várias ferramentas para trabalhar a História, e uma delas é a imagem. Porém, a utilização de imagens não é apenas fundamental no ensino da História, é também essencial no ensino da Geografia.

Atualmente, a imagem, juntamente com o documento escrito, pode fornecer diversas informações sobre o espaço, sobre o Homem e sobre a forma como o Homem se relaciona com o espaço. Porém, devemos ter em conta que as imagens nem sempre são fidedignas: a imagem não mostra realidades, representa realidades. Ou seja, há imagens, incluindo as fotografias, que podem demonstrar uma realidade totalmente distorcida, pois dependem do ponto de vista da pessoa que faz a fotografia. Como refere Kossoy (citado por R. Schnell) “apesar da aparente neutralidade do olho da câmara e de todo o veríssimo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação. Ela apenas traz informações visuais de um fragmento do real selecionado e organizado estética e

²⁷ Comunicação Pessoal, no dia 1 de Março de 2013.

ideologicamente”(p. 8). Hoje não é apenas o ponto de vista, a interpretação da fotografia que está em jogo para esta representação ser “honesta”. Hoje em dia, têm-se feito uso da manipulação das fotografias para contar histórias que não são reais. Esta manipulação já é conhecida desde da primeira metade do século XX e foi muito utilizada pelos líderes das Ditaduras que assombraram a Europa, no século passado, como foi o caso de Estaline, Hitler, Franco ou Mussolini. No entanto, independentemente desta manipulação, a verdade é que debaixo de um olhar crítico e clínico a fotografia é um importante testemunho do passado e do presente, apresentando-se como uma fonte histórica incontornável, que nos permite imaginar o passado de uma forma mais realista, para além de possibilitar a “leitura e interpretação do espaço”, no caso da Geografia, como afirma Arno B. Mussoi (2008).

No caso específico da História, há um conjunto alargado de fotografias que permaneceram na penumbra durante anos, não mostrando qualquer interesse para a História nem para outra ciência social. No entanto, com o passar do tempo, muitas dessas fotografias, aparentemente sem importância, mostraram-se extremamente relevantes para compreender o Homem, nomeadamente os mais humildes, de forma a estudar como este vivia, trabalhava ou festejava. A população abastada retratava-se de forma mais frequente, junto da sua família, dos seus bens imóveis e dos seus criados, demonstrando assim o seu poder. Já a população mais humilde, sem recursos para este tipo de representações, possui muito menos testemunhos da sua vivência, daí a importância das fotografias para o estudo da vida das classes sociais mais baixas. Assim, a fotografia deixa de ser uma simples lembrança do passado para passar a ser um valioso documento histórico. Como refere o autor Rogério Schnell, é da nossa responsabilidade descrever e interpretar estes testemunhos do passado, pois são únicos, “o que se retratou jamais se repetirá, a foto é uma imagem única”, portanto torna-se essencial preservar a história que estas representações transmitem (p.8).

Mas qual a importância da fotografia para o ensino da História? Primeiro é importante salientar que as “fotos não são meras ilustrações ao texto. As fontes fotográficas são uma possibilidade de investigação e descoberta (...)” (Kossoy, citado por R. Schnell, p.6). Assim, têm-se dado uma importância crescente à fotografia e às restantes imagens, no estudo da História. Esta importância crescente é facilmente constatada nos manuais

escolares. Os mais antigos possuem as suas páginas preenchidas essencialmente com textos. Hoje os manuais escolares de História possuem várias imagens (pinturas, ilustrações, reproduções de obras de arte) e fotografias. Como refere o autor Rogério Schnell, a historiografia do século XIX e do início do século XX tomava o documento escrito como a única fonte histórica credível. Contudo, com a crescente valorização das imagens, principalmente das fotografias, este documento começou a ser introduzido na historiografia, pois permite demonstrar e retratar “usos e costumes, ideologias, evolução tempo/espço, enfim os recursos que os documentos visuais possibilitam é muito amplo e variado”, cabe ao professor saber “apropriar-se desde conhecimento e difundi-lo”. A fotografia permite-nos “retratar o passado e o presente”, contar de uma outra forma, mais dinâmica e atrativa o passar do tempo, captando o interesse de quem observa, analisa e explora estes documentos que são um importante testemunho do passado. No processo ensino-aprendizagem de História a fotografia apresenta-se como um valioso recurso, permitindo estudar a História de uma forma mais próxima e motivadora para os estudantes.

Paralelamente, a fotografia também torna o mundo portátil, pois permite conhecer, observar, estudar ou desfrutar de um território sem nos deslocarmos até ele. Assim, a fotografia apresenta-se como um corte no espaço (representa um dado território) e como um corte no tempo (pois imortaliza o objeto fotografado num dado período de tempo), como referiu Beatriz de las Heras.

Na Geografia, a utilização da fotografia, também apresenta muitas potencialidades. Como refere Arno Mussoi (2008), “a fotografia constitui um importante recurso didático, podendo contribuir na formação dos conceitos geográficos básicos e no entendimento das relações sócio-espaciais, à medida que desperta no aluno o desejo de aprender através da linguagem visual. A leitura do espaço pela fotografia torna as aulas mais interessantes e prazerosas (...)”, ou seja, a fotografia é um importante recurso a usar adequadamente, no ensino da Geografia. Este recurso permite aos alunos lerem e apreenderem a paisagem, desenvolvendo a percepção visual do espaço que observam (Mussoi, A., 2008). Uma das grandes potencialidades da fotografia é o testemunho que estas nos fornecem dos espaços. Para além disso, segundo Asari, Antoniello e Tsukamoto (citados por Mussoi, 2008) a fotografia promove a “observação e a

descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões (...).”.

Contudo, no ensino da História e da Geografia, não basta, mostrar aos alunos um conjunto de imagens para que estes as observem, como se fossem um mero exemplo, uma representação do que o professor vai referindo. As fotografias devem ser interpretadas e cabe ao professor guiar a interpretação e a análise deste recurso, questionando a própria fotografia sobre os motivos subjacentes à sua captação, a sua intenção ou o seu verdadeiro sentido. Isto para que os alunos questionem o que vêem, para que reflitam e, assim, desenvolvam as suas capacidades cognitivas e para que se tornem “cidadãos críticos e conscientes”(p.14). A fotografia é um valioso recurso para as aulas de História, e de Geografia, pois permite aos alunos, a realização de uma viagem no tempo, até à época em estudo, possibilita a leitura do espaço (muitas vezes distantes da realidade dos alunos) e permite compreender a subjetividade das fotografias, assim como interpretar a sua verdadeira essência enquanto testemunho do passado e do presente. O Homem é um ser complexo, inserido numa sociedade em constante mudança. Portanto, as suas ações têm impactos mais ou menos significativos no espaço que ocupa. Assim, a fotografia imortaliza um espaço, num dado período de tempo, tornando possível observar, analisar e interpretar a evolução que os espaços vão sofrendo, devido à ação do Homem e não só.

1.3. Seleção e caracterização da amostra

Para a apurar a forma como os alunos encaram a transformação da Paisagem, sendo o agente dessa transformação o Homem, foram aplicados dois dossiers temáticos diferentes, com dois exemplos de paisagens transformadas pelo Homem. Estes dossiers foram aplicados em duas turmas do 9º ano, a turma Y e a turma W. Na turma Y trabalhou-se apenas a disciplina de Geografia e na turma W apenas a disciplina de História. Ao longo da iniciação à prática pedagógica, na Escola Básica, 2º e 3º Ciclo Gomes Teixeira não foram trabalhadas as duas disciplinas (História e Geografia) com a mesma turma. Para além disso, não se considerou oportuno aplicar um dos dossiers a uma turma cujo trabalho não foi desenvolvido pelos estagiários. Portanto, optou-se por se aplicar os dossiers em turmas diferentes, mas mantendo a estrutura e algumas questões semelhantes.

Uma das turmas onde se aplicou um dos dossiers de trabalho é o 9º W. Esta é uma turma formada por 22 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos de idade. Esta é a única turma de Espanhol do 9º ano, (2ª língua estrangeira em estudo), portanto concentra um grupo de alunos muito diferentes. Nesta turma é possível distinguir um pequeno grupo de alunos cujo aproveitamento escolar é superior ao dos restantes colegas. São alunos muito participativos e empenhados. A maioria da turma apresenta algumas dificuldades de aprendizagem, porém são alunos esforçados e empenhados nas tarefas propostas. Existe ainda um pequeno número de estudantes muito desmotivados, que por vezes destabilizam e distraem os restantes colegas. De salientar a existência de dois alunos com necessidades educativas especiais (NEE). Um deles, o aluno V2²⁸, possui muitas dificuldades de aprendizagem, portanto optou-se por não se aplicar o dossier ao aluno em questão. O segundo aluno com NEE (U2) possui *Síndrome de Asperger*. Apesar deste transtorno, o estudante não apresenta dificuldades de aprendizagem, sendo um dos melhores alunos da turma. Contudo, o estudante apresenta uma personalidade muito fechada, tornando o trabalho, com o mesmo, difícil. Esta turma, a meio do 1º período letivo registou a saída de um aluno, para o ensino profissional. Porém, no 2º período letivo entrou para a turma o aluno Q2, vindo da turma de Francês (2ª língua estrangeira em estudo), do 9º ano.

²⁸ (anexo C)

Já o 9º Y é formado por 21 alunos, entre os 14 e os 18 anos de idade. Esta turma caracteriza-se por possuir vários alunos com um elevado aproveitamento escolar. Porém, é uma turma muito “teórica”, ou seja, pouco receptiva a atividades práticas. Para além disso, verificou-se que a maioria dos alunos atribui uma grande importância aos testes de avaliação, principalmente aqueles que não exigem a compreensão dos conteúdos em estudo, apenas a memorização dos mesmos.

Para além disso, a turma Y do 9º ano possui 3 alunos com necessidades educativas especiais (NEE): o aluno R1, com dificuldades de aprendizagem e os alunos T1 e U1, dois jovens autistas. À semelhança do aluno V2, da turma W, optou-se por não se aplicar o dossier aos três alunos referidos.

1.4. Análise e interpretação dos resultados

Os dados recolhidos através dos instrumentos acima referidos, serão sujeitos a quatro tipos de análise: categorial, de avaliação, de expressão e de atitudes.

O grupo II, tinha como principal objetivo ajudar os alunos a explorarem os recursos disponibilizados, nomeadamente as fotografias, ou seja, através das perguntas colocadas os alunos analisaram as fotografias fornecidas, para assim realizarem a primeira parte do dossier com sucesso. Como este grupo possui um conjunto de respostas diretas, optou-se por se fazer uma análise mais sumária, evidenciando apenas alguns aspectos mais relevantes. A realização do grupo II do dossier de trabalho ajudava os alunos a estruturarem os seus conhecimentos, para além de os levar a explorar e analisar os documentos fornecidos, para que assim pudessem realizar com sucesso o grupo III. Este último grupo, apelava ao uso da criatividade dos estudantes. Na disciplina de Geografia, os alunos deveriam, através de um texto livre, descrever a Paisagem do Central Park (tendo em conta o espaço antes e depois da intervenção), assim como dar a sua opinião sobre aquele tipo de transformação da Paisagem. Já para História, também através do texto livre, os alunos foram levados a descrever a Paisagem antes e depois dos bombardeamentos sofridos por Londres, entre 1940-1941, dando também a sua opinião sobre este tipo de transformação da Paisagem. Para a análise e interpretação destes dados, optou-se por se recorrer à Análise de Conteúdo, mais especificamente a Análise Categorial, ou seja, a “forma mais antiga e clássica de análise de conteúdo (...). Traduz-

se na utilização de categorias existentes ou na criação de categorias específicas nos moldes apontados por Ghiglione e Matalon”, como afirma Manuela Esteves (2006,p. 111). Para além da Análise Categorial, recorreu-se também à Análise de Avaliação, que segundo Manuela Esteves permite “medir as atitudes do locutor quanto aos objectos que fala”, à Análise da Expressão, ou seja, que “opera com categorias formais de ordem morfológica e sintáctica de forma a caracterizar estilos discursivos (...)” (2006, p. 111) e à Análise das Atitudes dos alunos.

A opção pela Análise de Conteúdo prendeu-se com o tipo de recurso aplicado, de forma a recolher dados junto dos alunos. Isto é, para recolher dados junto das duas turmas já referidas, optou-se por se criar dois recursos simples, mas apelativos e estimulantes para os estudantes. Os dois recursos criados motivavam a participação dos alunos, na atividade, despertando o seu interesse. Considerámos que se se aplicasse um inquérito fechado, para posteriormente se fazer uma análise quantitativa dos dados, o recurso em questão poderia não ser atrativo, acabando por não despertar o interesse dos alunos, o que poderia comprometer a recolha de dados.

Antes da aplicação dos dossiers, em ambas as turmas, procedeu-se à recuperação dos conteúdos já trabalhados, e que estavam diretamente relacionados com os dossiers. Para além disso, os alunos foram esclarecidos dos objetivos, do trabalho que iriam realizar.

Relativamente ao grupo II do dossier trabalhado, na disciplina de História, na turma W, aquando o estudo dos bombardeamentos na cidade de Londres, verificou-se que os resultados obtidos foram muito positivos²⁹, tendo em conta o contexto da turma. A maioria da turma obteve uma cotação positiva (15 positivas em 21 dossiers realizados). Dessas positivas, 8 encontram-se entre os 50 e os 60%, e as restantes possuem cotações iguais ou superiores aos 70%. No que diz respeito às negativas, somam-se no total 6, sendo a mais baixa a do aluno Q2 com apenas 17,5%. Contudo, deve-se referir que o dossier foi iniciado na aula de 90 minutos do dia 15 de Abril e foi terminado no dia 17 de Abril (aula de 45 minutos). Nesta segunda aula, o aluno faltou, pelo que não teve a oportunidade de terminar as respostas às questões do dossier. A segunda negativa mais baixa pertence ao aluno U2 (35%). Este aluno, com NEE, evidencia um elevado

²⁹ Ver anexo D - Tabela nº1a- Cotações e critérios de correção de História, Grupo II, 9ºW e Grelha nº 1 – Avaliação do Grupo II, História 9º W

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

desenvolvimento cognitivo. Porém, apresenta um comportamento muito inconstante, que se têm vindo a acentuar ao longo do ano. A falta de empenho e de participação, nas atividades propostas, acaba por culminar nos resultados negativos, não só nas fichas feitas ao longo das aulas, mas também nos testes de avaliação. A positiva mais alta, no grupo II do dossier pertence ao aluno S2 (90%). Este resultado é do aluno mais velho da turma e também mais desmotivado e desinteressado. Contudo, este é um estudante com muitas capacidades cognitivas, apesar de serem subvalorizadas e subaproveitadas, pelo mesmo. As respostas dadas às questões 5 e 6 revelam a capacidade de análise do aluno, que explorou de forma assertiva as fotografias disponibilizadas.

Posto isto, importa registar as respostas que obtiveram os piores e os melhores resultados. Assim, no grupo II, alguns alunos tiveram dificuldades em explicar em que contexto surgiram as fotografias apresentadas (12 alunos), assim como em explicar a importância dessas mesmas fotografias para a História da Inglaterra (9 alunos). De referir ainda que na questão 8.1, 7 alunos não obtiveram pontuação por não terem feito qualquer justificação da escolha feita, na questão número 8. De salientar a resposta do aluno A2, que apesar de ter justificado a sua posição, não apresentou um discurso claro e com sentido, não tendo sido possível atribuir cotação à sua resposta. Já a questão onde os alunos obtiveram melhores resultados, foi na pergunta número 4, uma vez que todos os alunos conseguiram identificar a Paisagem em análise.

No que diz respeito ao grupo II do dossier trabalhado na disciplina de Geografia, na turma Y, relativamente ao Central Park, verificou-se que os resultados foram muito positivos³⁰, apesar de irem ao encontro do aproveitamento normal da turma. Contudo, deve-se salientar os resultados dos alunos L1, M1, C1, K1, J1, P1 e Q1. Estes alunos obtiveram resultados muito positivos, apresentando uma cotação francamente superior ao que obtêm normalmente, nos trabalhos e testes que realizam.

A maioria da turma obteve um resultado positivo (16 positivas em 17 dossiers realizados). Das 16 positivas, apenas 4 alunos obtiveram uma cotação inferior a 80%. Relativamente às negativas, regista-se apenas uma, do aluno D1, uma vez que não

³⁰ Ver anexo E - Tabela nº 1b – Cotações e critérios de correção de Geografia, Grupo II, 9ºY
E Grelha nº 2 – Avaliação do Grupo II, Geografia, 9º Y

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

respondeu corretamente à questão número 3 do dossier, nem justificou devidamente a sua opção, na questão 5.1. Já as positivas mais altas pertencem aos alunos A1, L1, M1, B1, K1, O1, H1, E1e I1, todos com cotações iguais ou superiores a 90%.

Posto isto, importa registar as respostas que obtiveram os piores e os melhores resultados. Assim, no grupo II, à semelhança do que se passou na turma W, os alunos do 9º Y tiveram dificuldades em explicar a importância das fotografias analisadas, para a cidade de Nova Iorque. Tal como na turma W, todos os alunos conseguiram identificar a Paisagem que estavam a estudar. De salientar que esta era uma Paisagem muito mais difícil de catalogar, pois apesar da semelhança com um espaço natural em bruto, a Paisagem foi totalmente construída pelo Homem. Foi segundo esta diferenciação que a maioria dos alunos obteve a cotação máxima na questão número 3, a mais complexa do dossier, uma vez que exigia que os alunos não se focassem apenas no que observavam, mas acima de tudo que incorporassem os conhecimentos adquiridos ao longo das aulas. Por fim, na questão 5.1. verificou-se que grande parte dos alunos conseguiu justificar a sua opção, relativamente à questão número 5, ao contrário do que se passou na turma W.

Para a análise ao grupo III, segundo Manuela Esteves (2006), antes de se iniciar a elaboração das categorias que irão acolher os nossos dados, deverá ser feita uma “leitura flutuante do material, ou de parte dele, para que o investigador se deixe impregnar pela natureza dos discursos recolhidos e pelos sentidos gerais neles contidos (...)” (p.113). Neste caso específico, não foram as categorias que foram difíceis de definir, uma vez que se optou por seguir as orientações dadas nos dossiers trabalhados com os alunos, no grupo III, nomeadamente, a “Descrição da Paisagem Observada” e a “Opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem”, para o caso de Geografia. Já as categorias definidas para o caso específico de História, foram: a “Descrição da Paisagem antes dos Bombardeamentos”, a “Descrição da Paisagem depois dos Bombardeamentos” e a “Opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem”. Para definir os “indicadores” a utilizar, procedeu-se a uma primeira leitura dos materiais recolhidos. Desta forma, foram estabelecidos os indicadores mais adequados ao conteúdo, dos postais elaborados pelos alunos. Os indicadores que acabaram por resultar da leitura dos materiais recolhidos, para a primeira categoria, na disciplina de Geografia foram: “beleza”;

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

“interesse”, “importância Histórica/Geográfica”, “semelhança com uma Paisagem Natural (verdadeira)”, “*elementos naturais* presentes no parque”, “dimensão”, “localização”, “utilidade/funcionalidade” e por fim “espaço envolvente”. Já para a segunda categoria, surgiram os indicadores “opinião pessoal”, “utilidade/funcionalidade”, “degradação do espaço antes da intervenção” e “espaço habitado por poucas pessoas (no passado)”. Para os dados recolhidos, na disciplina de História, surgiram na primeira categoria os seguintes indicadores: “beleza”, “interesse”, “organização da cidade”, “habitantes de Londres” e “ruas de Londres”. Para a segunda categoria foram definidos os indicadores: “beleza”, “habitantes de Londres”, “ruas de Londres”, “organização da cidade”, “morte” e “fome”. Por fim, na terceira e última categoria foram utilizados os indicadores: “opinião pessoal – perspectiva positiva”, “opinião pessoal – perspectiva intermédia” e finalmente “opinião pessoal – perspectiva negativa”.

Assim, e após uma análise cuidada dos postais elaborados pelos alunos, na disciplina de Geografia, na turma Y, verificou-se:

Tabela nº 3 – Análise Categorical de Geografia, 9º Y³¹

CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Descrição da Paisagem Observada	Beleza	A1 “é um local lindo”; E1 “a paisagem é tão verde e bonita”; “lindo local”; G1 “é um local muito lindo”; H1 “é lindo”; L1 “bonito”; N1 “muito bonito”; O1 “bonito”; P1 “é linda”; Q1 “linda”;
	Interesse	A1 “simplesmente maravilhoso”; C1 “espaço fenomenal”; D1 “espaço fantástico”; E1 “parecia que estávamos no paraíso”; F1 “é um parque espectacular”; G1 “acho que é um local espectacular”; I1 “é maravilhosa”; L1 “é um sonho”; N1 “paisagem fantástica”;
	Importância História/Geográfica	F1 “aqui o ar é (...) poluído (...) perguntei (...) se havia algum jardim e falaram-me do Central Park”; L1 “é uma paisagem com muitos anos”; N1 “antigo”; O1 “fica bem no meio de tanta poluição”; Q1 “modera muito bem a cidade”;

³¹ (Ver anexo F - Tabela nº 3 – Análise Categorical de Geografia, 9º Y)

	Semelhança com uma Paisagem Natural (verdadeira)	A1 “Uma paisagem que parece natural no meio da cidade”; D1 “apesar de esta ser humanizada, consegue parecer bem natural”; I1 “apesar da paisagem ter sido criada pelo Homem, dá a sensação que é uma Paisagem Natural”; J1 “é feito pelo Homem mas parece uma paisagem natural”; M1 “parece mesmo uma paisagem natural”; P1 “é muito natural”;
	Elementos “naturais” presentes no Parque	A1 “com verde por todo o lado e cheio de lagos”; B1 “com vários espaços verdes”, “tem também um lago enorme e com água pura”; C1 “tem muitas árvores, tem um lago”; D1 “lagos e rios, árvores de diferentes espécies”; E1 “árvores, flores e um lindo lago”; F1 “tem árvores verdinhas e um lago”, “ouviam-se os pássaros a cantar”; G1 “verde por todo o lado, principalmente nas árvores grandes e majestosas”; H1 “tem muitas árvores e animais”; I1 “árvores, imensos lagos e imensas árvores verdes”; J1 “tem lagos, relva, árvores, pedras, bichos”; K1 “verde”; L1 “lagos grandes e coloridos e tem milhares de árvores e plantas”; M1 “tem muitas árvores, lagos”; O1 “espaços verdes”; Q1 “tem um grande lago e e muitas árvores”;
	Dimensão	B1 “é um espaço enorme”; G1 “local (...) grande”; L1 “grande”;
	Localização	E1 “cheguei aqui a Nova Iorque”; H1 “em NY”;
	Utilidade/Funcionalidade	A1 “um local de visita de muitos turistas”; B1 “fazer várias actividades ao ar livre”; G1 “local muito turístico”; I1 “um local onde se pode passear e brincar”; N1 “divertido”;
	Espaço Envolvente	B1 “rodeado de prédios”;

**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO**

Na primeira categoria, os alunos apesar de saberem que o Central Park é uma construção totalmente feita pelo Homem, limitaram-se a apontar os elementos “naturais” que são possíveis observar, como é possível ler nos exemplos:

D1 *“lagos e rios, árvores de diferentes espécies”;*

E1 *“árvores, flores e um lindo lago”;*

Ou seja, a maioria dos alunos (15) apenas apontaram os elementos “naturais” do Parque. Contudo, destes 15 alunos que indicaram os elementos “naturais” da Paisagem, 6 mostraram na sua resposta, que o Central Park é uma Paisagem construída de raiz pelo Homem, apesar de parecer uma Paisagem Natural em bruto:

A1 *“uma paisagem que parece natural no meio da cidade”;*

I1 *“apesar de a paisagem ter sido criada pelo Homem, dá a sensação que é uma paisagem natural”;*

J1 *“é feito pelo Homem mas parece uma paisagem natural”;*

M1 *“parece mesmo uma paisagem natural”;*

Estes alunos conseguiram enquadrar no seu discurso os conhecimentos adquiridos e discutidos, nas aulas anteriores, indo além da mera descrição e conseguindo passar a um nível mais complexo, o da problematização da origem deste parque. Para além disso, foram muitos os alunos que referiram a beleza do parque (9), isto é, consideraram o Central Park, um espaço bonito, como se lê, por exemplo:

A1 *“é um local lindo”;*

G1 *“é um local muito lindo”;*

Para além da beleza do parque, os estudantes conseguiram ainda classificar o espaço como interessante (9), por exemplo:

C1 *“espaço fenomenal”;*

G1 *“acho que é um local espectacular”;*

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Contudo, em relação ao indicador “importância Histórica/Geográfica” verificou-se que os estudantes ignoraram a importância Histórica e Geográfica deste espaço. Antes de iniciar o trabalho sobre os dossiers relativos ao Central Park, os alunos foram questionados sobre a possível idade deste parque. A maioria dos alunos acreditava que este era uma construção da segunda metade do século XX, e até mesmo do início do século XXI. Ou seja, desconheciam por completo a história deste espaço. Mesmo após a explicação que foi feita, sobre o processo de construção do parque e do documento informativo, disponível no grupo I do dossier temático, a maioria dos alunos não fez referência à importância história deste parque. Apenas 2 alunos fizeram alusão a este aspecto, afirmando:

L1 *“é uma paisagem com muitos anos”*

N1 *“antigo”*;

No que diz à importância Geográfica, também só 3 alunos é que fizeram menção a este aspecto, dizendo:

F1 *“aqui o ar é (...) poluído (...), perguntei (...) se havia algum jardim e falaram-me do Central Park”*;

O1 *“fica bem no meio de tanta poluição”*;

Ou seja, os alunos perceberam que um parque no meio de uma cidade, como Nova Iorque, acaba por ser um refúgio, onde as pessoas podem fugir à poluição, apreciando e desfrutando de um espaço verde como o Central Park. Além disso, tanto a “dimensão” como a “localização” e o “espaço envolvente” não foram aspectos tidos como relevantes para os alunos, uma vez que foram poucos aqueles que se localizaram no espaço (2), que referiram a dimensão do Central Park (3), e que fizeram alusão ao espaço envolvente do parque (1). Isto talvez por considerarem que são aspectos pouco relevantes, em comparação por exemplo, com a beleza ou com o interesse deste espaço. Finalmente, o último indicador da primeira categoria em análise diz respeito à “utilidade/funcionalidade” e aqui os alunos (5) conseguiram ver os aspectos positivos da existência de um parque com estas características. A maioria dos estudantes fez alusão

às atividades lúdicas que o parque permite, como as atividades ao ar livre ou os passeios que são possíveis fazer, como é possível ler nos postais:

B1 “fazer várias actividades ao ar livre”;

I1 “um local onde se pode passear e brincar”;

Para além disso, foi ainda mencionada a capacidade turística do espaço (2), como se lê, por exemplo:

A1 “um local de visita de muitos turistas”

Portanto, um pequeno conjunto de alunos não viu este parque apenas como um espaço de lazer, mas também como um espaço turístico, de atração para visitantes. Ou seja, mais do que um espaço de lazer, os alunos consideram que este espaço é um marco, na cidade, e que por isso é um local que merece ser visitado e conhecido por forasteiros.

No que diz respeito à segunda categoria em análise, “opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem”:

CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem	Opinião Pessoal	A1 “fizeram muito bem em construir este local”; B1 “graças ao Homem está muito melhor”; C1 “antes era muito mau e com as mudanças que fizeram ficou bem melhor”; D1 “acho que fizeram uma excelente transformação”; E1 “ainda bem que apostaram neste lindo local”; G1 “fizeram muito bem em construí-lo”; H1 “está muito melhor que em 1931”; I1 “a paisagem foi muito bem construída”; J1 “ótima transformação”; M1 “fizeram muito bem em trocar a paisagem anterior por esta”; P1 “fizeram muito bem”; Q1 “acho que fizeram muito bem”;
	Utilidade/Funcionalidade	A1 “não tinha utilidade quase nenhuma” K1 “está muito melhor”, “muito melhor que em 1931”; M1 “não tinha utilidade”;
	Degradação do espaço antes da intervenção	A1 “era um espaço degradado”; B1 “estava bastante destruído e com muitas barracas”; I1 “antes era um bairro de lata que não tinha as mínimas condições”; J1 “antigamente tinha bairros de lata”; O1 “tinha bairros de lata”;

		“estava sem espaços verdes”;
	Espaço habitado por poucas pessoas (no passado)	A1 “pouca gente vivia lá”;

Verificou-se que, no indicador “opinião pessoal”, todos os alunos, que expressaram a sua opinião sobre este tipo de transformação (12), mostraram estar de acordo com a intervenção feita no espaço, como é possível ler, por exemplo, nos postais:

A1 *“fizeram muito bem em construir este local”;*

B1 *“graças ao Homem está muito melhor”;*

C1 *“antes era muito mau e com as mudanças que fizeram ficou bem melhor”;*

No entanto, apenas 7 alunos justificaram a sua opinião. Estas justificações deram origem aos indicadores “utilidade/funcionalidade”, “degradação do espaço antes da intervenção” e ainda “espaço habitado por poucas pessoas”. Para o primeiro indicador, os alunos afirmaram que o espaço não tinha utilidade nenhuma antes da intervenção (3):

A1 *“não tinha utilidade quase nenhuma”*

Outro grupo de alunos justificou a sua opção com a “degradação do espaço antes da intervenção” (5), ou seja, fizeram referência aos bairros de lata e às habitações sem condições de habitabilidade dignas, como por exemplo:

A1 *“era um espaço degradado”;*

B1 *“estava bastante destruído e com muitas barracas”;*

O1 *“tinha bairros de lata”, “estava sem espaços verdes”*

De salientar a justificação dada pelo aluno O1, que faz alusão à falta de espaços verdes, o que juntamente com os bairros de lata tornava o espaço carente de uma intervenção. Para além destas justificações, o aluno A1 (o que mais justificou a sua opção) referiu ainda que este espaço era habitado por poucas pessoas, devido a ser:

A1 *“um espaço muito degradado” e de “não ter utilidade quase nenhuma”*

Porém, não foi referido, em qualquer momento da aula, o número de habitantes que foram expropriados para que assim o espaço habitacional fosse convertido, no Parque em estudo. Ou seja, o aluno com base nas fotografias disponibilizadas imaginou o espaço, no final do século XIX e procurou justificar a necessidade de intervenção, com o argumento já apresentado.

Nos postais elaborados pelos alunos da turma W, na disciplina de História, surgiram para a primeira categoria, (“descrição da paisagem antes dos bombardeamentos”), 6 indicadores que expressam as ideias dos alunos.

Tabela nº 4 – Análise Categorical de História, 9º W³²

CATEGORIAS	INDICADORES	UNIDADES DE REGISTO
Descrição da Paisagem Antes dos Bombardeamentos	Beleza	A2 “muito bonita”; D2 “era um verdadeiro luxo”; F2 “esplendor e vivacidade que aquela bela cidade irradiava”; H2 “bela”, “alegre”; I2 “bonito”; K2 “era tudo lindo”; N2 “alegre”; P2 “aquela cidade estava linda”, “com belas vistas”; Q2 “Vi zonas lindas”, “tudo com umas vistas lindas”;
	Interesse	H2 “magnífica”; I2 “maravilhoso”; L2 “era um local muito bom para visitar”, “era um local fabuloso para viver”; M2 “incrível”; R2 “Londres estava incrível”;
	Organização da cidade	A2 “as casas eram boas e com condições”; D2 “era tudo bem organizado, casas bem construídas”; I2 “museus, bibliotecas”; K2 “flores nas varandas, a arquitectura era sublime”; M2 “Catedral de St Paul sempre organizada e pacata”; P2 “estava tudo perfeito”, “todos os edifícios estavam intactos”; T2 “prédios altos, muita indústria”;
	Habitantes de Londres	D2 “pessoas sem receio de ataques”; H2 “tinham um emprego bom, uma vida estável”; I2 “cheio de pessoas”; K2 “pessoas super amáveis”; N2 “tinham as suas casas, bons empregos”; O2 “as pessoas viviam bem”; R2 “pessoas alegres, bem dispostas”; S2 “via-se

³² (Ver anexo G - Tabela nº 3 – Análise Categorical de História, 9º W)

		pessoas felizes, alegres, a comunicar em grupo”; T2 “toda a gente a trabalhar”;
	Ruas de Londres	A2 “ruas bem formadas; B2 “ruas cheias de gente a passear, a ver montras a cantar”; O2 “ruas direitas”; S2 “andava-se na rua sem problema”; T2 “era tudo muito movimentado”;
	Animação	B2 “era tudo cheio de cor, de alegria”;

Estes indicadores focam-se, também na “beleza” da cidade, uma vez que Londres é tida pelos alunos (9) como uma cidade bonita e graciosa, como se lê, por exemplo:

F2 “*esplendor e vivacidade que aquela bela cidade irradiava*”;

K2 “*era tudo lindo*”;

P2 “*aquela cidade estava linda*”;

Portanto, através das fotografias disponibilizadas, os alunos conseguiram ver a cidade, nos anos 30, vislumbrando e idealizando a beleza de Londres, na época. As ideias que os estudantes tinham de Londres, antes dos bombardeamentos, estão também presentes no indicador “habitantes de Londres”. Dos 20 postais realizados, 9 faziam referência aos habitantes da cidade e à vida que hipoteticamente levavam, antes dos ataques nazis. Para os alunos, as pessoas viviam bem, com os seus empregos, sem preocupações ou receios, como se pode ler, por exemplo:

D2 “*pessoas sem receio de ataques*”;

H2 “*tinham um emprego bom, uma vida estável*”;

R2 “*pessoas alegres, bem-dispostas*”;

A “organização da cidade” foi um outro aspecto que mereceu a atenção dos estudantes (7), uma vez que, através das fotografias e dos conhecimentos já adquiridos, os estudantes conseguiram identificar a estrutura da cidade:

A2 “*ruas bem formadas, as casas eram boas e com condições*”;

I2 *“museus, bibliotecas”*;

M2 *“Catedral de St Paul sempre organizada e pacata”*

E o seu aspecto genérico:

K2 *“flores nas varandas, a arquitectura era sublime”*

T2 *“prédios altos, muita indústria”*

As “ruas da cidade” foi um outro indicador que acabou por surgir nesta análise, pois 4 estudantes incluíram, no seu trabalho, o aspecto que as ruas da cidade possivelmente teriam: movimentadas e organizadas, como se lê nos postais:

B2 *“ruas cheias de gente a passear, a ver montras, a cantar”*;

S2 *“andava-se na rua sem problema”*;

Para além disso, os estudantes fizeram ainda referência ao “interesse” (5) da cidade, afirmando que esta era uma cidade magnífica, incrível e um bom sítio para visitar:

H2 *“magnífica”*;

L2 *“era um local muito bom para visitar”*;

E também que era uma cidade muito animada (1), como se lê no texto:

B2 *“era tudo cheio de cor, de alegria”*;

Na segunda categoria “descrição da paisagem depois dos bombardeamentos”, é possível encontrar os mesmos indicadores referidos, na primeira categoria. Porém, neste ponto os alunos (13) centraram-se nas transformações que a paisagem sofreu, dando especial ênfase à destruição e ao horror (12) que substituiu a grandiosidade e a perfeição de Londres.

Descrição da Paisagem depois dos Bombardeamentos	Beleza	A2 “vejo uma cidade muito mais bonita”; B2 “está muito cinzento, neutro”; “destruição”; D2 “caos”; E2 “a cidade ficou desfeita”; F2 “toda a beleza e graciosidade se desvaneceu”;
--	--------	---

		“destruição”; G2 “está destruído”; H2 “triste”; J2 “ficou tudo destruído”; k2 “tudo destruído”; L2 “tudo destruído”; M2 “apagada”; P2 “o que era belo ficou destruído”; S2 “Vi a destruição e o caos”;
	Habitantes de Londres	B2 “já não vêem felicidade na cidade”, “pessoas assustadas”; D2 “Assustadas e a esconderem-se”; F2 “desolação”; J2 “as pessoas ficaram sem bens essenciais”; K2 “pessoas a dormir na rua”, “já não se via sorrisos nem flores”; M2 “pessoas (...) perderam o sorriso”, “profunda desolação”; O2 “pessoas a correr sem saber a direcção”, “as pessoas perderam os seus bens”;
	Ruas de Londres	B2 “muito barulho das obras para reparar o que podem”; G2 “as ruas já não são tão movimentadas”; I2 “ficaram maiores”;
	Organização da Cidade	B2 “desordem total”; C2 “vejo que, por exemplo, as docas junto à London Bridge estão totalmente mudadas, os barcos estão atracados em outro sítio. A Catedral de St Paul também mudou”, “está tudo em ruínas”; F2 “muitos prédios foram totalmente destruídos”; M2 “as docas que também gostas ficaram arruinadas e a catedral de St Paul (...)virou um reboição”; N2 “prédios derrubados”; Q2 “tudo completamente destruído, as docas, a Catedral, quase não sobrava nada”; S2 “onde eram casas e prédios há agora um sítio plano, cheio de escombros”; T2 “estava tudo diferente, destruído”;
	Morte	D2 “pessoas mortas”; E2 “de ter morto muitas pessoas”; F2 “e pessoas foram mortas”; H2 “muitas pessoas mortas”; L2 “pessoas mortas em todo o lado”; N2 “pessoas a chorar umas por terem perdido os familiares”; T2 “morte”;
	Fome	N2 “não terem o que comer”; T2 “havia fome”;

Assim, é possível ler nas respostas dos alunos:

B2 *“está muito cinzento, neutro”;*

E2 *“a cidade ficou desfeita”;*

F2 *“toda a beleza e graciosidade se desvaneceu”;*

De salientar a opinião dada pelo aluno A2:

“vejo uma cidade muito mais bonita”

Já que referiu que a cidade ficou muito mais bonita, uma vez que o estudante em causa imaginou a reconstrução da cidade, após os bombardeamentos, pressupondo que os problemas da cidade, tinham sido corrigidos, e por isso, se tornou em uma cidade mais bonita. Para além da “beleza”, os alunos deram também muita importância à transformação que ocorreu na “organização da cidade” (8), descrevendo como Londres se transformou em ruínas e em escombros:

C2 *“vejo que, por exemplo, as docas junto à London Bridge estão totalmente mudadas, os barcos estão atracados em outro sítio. A Catedral de St Paul também mudou”, “está tudo em ruínas”;*

Q2 *“tudo completamente destruído, as docas, a Catedral, quase não sobrava nada”;*

S2 *“onde eram casas e prédios há agora um sítio plano, cheio de escombros”*

Na verdade, os alunos conseguiram ir mais além das fotografias e projetaram-se no cenário pós-bombardeamento que a cidade sofreu. Um aspecto a salientar é a importância dada aos habitantes, no indicador “habitantes de Londres”, em que os estudantes conseguiram imaginar as reações e os sentimentos das pessoas afectadas pelos bombardeamentos:

B2 *“já não vêem felicidade na cidade”; “pessoas assustadas”;*

D2 *“assustadas e a esconderem-se”;*

J2 *“as pessoas ficaram sem bens essenciais”;*

K2 *“pessoas a dormir na rua”, “já não se via sorrisos nem flores”;*

Para além disso, os alunos conseguiram ainda imaginar outras consequências dos ataques, a “morte” e a “fome”:

D2 “*peessoas mortas*”;

T2 “*havia fome*”.

Os alunos para além de descreverem a paisagem que observaram, nas fotografias, tentaram imaginar tudo o que aquelas pessoas viveram, num cenário de extrema violência física e psicológica, evidenciando uma certa *empatia histórica*, ou seja, “tendência para sentir o que se sentiria caso se estivesse na situação e circunstância experimentada por outra pessoa” (Cunha, citado por Souza, 2009, p. 23). Esta *empatia histórica* revela, nos alunos sensibilidade e solidariedade pelo sofrimento do *Outro*. Apesar dos bombardeamentos serem um acontecimento distante, da vida dos estudantes, atualmente, os alunos tomam conhecimento, não só na comunicação social, mas também nas aulas de Geografia, com situações muito semelhantes, como é o caso da guerra na Síria ou do conflito entre Israel e a Palestina, onde muitas pessoas ainda vivem o terror da guerra e dos bombardeamentos. Ao serem solidários com a angústia destas pessoas, os alunos demonstram uma certa maturidade, e uma assinalável consciência da distância que muitas vezes existe entre a realidade que conhecem e as realidades dos *Outros*.

No que diz respeito à terceira e última categoria, foram definidos 3 indicadores para agrupar as respostas dos alunos.

Opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem	Opinião Pessoal - Perspectiva Positiva	C2 “por muito sofrimento que os bombardeamentos causaram, serviu para reconstruir a cidade e mostrar também a força e a vontade do povo britânico”; D2 “mas foi bom para reconstruir e reutilizar espaços”; E2 “acho que está fantástica”, “a transformação achei boa, apesar do que se passou naquele ano”; I2 “o bombardeamento foi muito bom pois permitiu melhorar a cidade”; O2 “foi possível a construção e o melhoramento de edifícios”;
---	--	---

No primeiro indicador estão as opiniões dos alunos, relativas a aspectos positivos (5), apesar da destruição causada pelos bombardeamentos. Estas opiniões têm por base um exemplo falado durante uma aula de História, mais precisamente o terramoto que abalou Lisboa em 1755 e a transformação da cidade após a catástrofe. Também os bombardeamentos foram encarados como uma possibilidade de progresso e de reconstrução, da cidade, na medida em que constituíam uma oportunidade de correção de problemas já diagnosticados:

C2 *“por muito sofrimento que os bombardeamentos causaram, serviu para reconstruir a cidade e mostrar também a força e a vontade do povo britânico”;*

D2 *“mas foi bom para reconstruir e reutilizar espaços”;*

O segundo indicador diz respeito às opiniões intermédias (4), ou seja, as opiniões dos alunos que conseguem ver alguns aspectos positivos nos bombardeamentos, mas que não deixam de ter em conta o preço pago pelos ingleses e todo o sofrimento e destruição causado pelas bombas nazis.

Opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem		
	Opinião Pessoal - Perspectiva Intermédia	A2 “nem tudo foi mau, agora é uma cidade mais forte, as habitações são mais resistentes”, “apesar de aquele bombardeamento ter sido terrível, melhorou muitos aspectos daquela cidade”; D2 “por um lado não foi bom porque as pessoas perderam todos os seus bens”; F2 “apesar da reconstrução de Londres ter sido boa, no sentido de que das cinzas se reconstruiu Londres de novo, acho que as perdas humanas superam qualquer vantagem material que se poderia conseguir”; K2 “acho que foi horrível, mas também uma oportunidade dos ingleses melhorarem um bocado aspectos menos bons, na cidade de Londres”;

A2 *“nem tudo foi mau, agora é uma cidade mais forte, as habitações são mais resistentes”, “apesar daquele bombardeamento ter sido terrível, melhorou muitos aspectos daquela cidade”;*

F2 *“apesar da reconstrução de Londres ter sido boa, no sentido de que das cinzas se reconstruiu Londres de novo, acho que as perdas humanas superam qualquer vantagem material que se poderia conseguir”;*

Finalmente, o último indicador diz respeito às opiniões negativas (8), ou seja, dos estudantes que não conseguem identificar nada de bom neste acontecimento.

Opinião sobre o tipo de transformação da Paisagem		
	Opinião Pessoal - Perspectiva Negativa	B2 “o que era uma cidade bonita e calma está agora um caos”; G2 “este tipo de transformação é completamente negativa”; H2 “foi muito mau terem feito isto”, “acho muitíssimo mal terem destruído uma cidade tão linda”; J2 “a paisagem foi de mal a pior”; L2 “foi muito mau, para além de ter morto muita gente, destruiu uma paisagem perfeita”; M2 “tenho realmente pena do que se sucedeu, e pensar que algo tão belo possa ser destruído em tão pouco tempo”; P2 “Foi uma pena”; Q2 “foi uma pena os bombardeamentos terem acontecido”;

G2 *“este tipo de transformação é completamente negativa”;*

L2 *“foi muito mau, para além de ter morto muita gente, destruiu uma paisagem perfeita”;*

M2 *“tenho realmente pena do que se sucedeu, e pensar que algo tão belo possa ser destruído em tão pouco tempo”;*

Após a análise desta categoria, facilmente se percebe que são mais os alunos que encaram os bombardeamentos como um acontecimento muito negativo, independentemente de quaisquer benefícios, a médio e longo prazo que daí pudessem advir.

Assim, tendo em conta os dossiers elaborados pelas duas turmas (W e Y) e a análise já feita tanto ao grupo II como ao grupo III, já é possível dar resposta às questões de partida formuladas:

1. Os alunos conseguem identificar a transformação feita pelo Homem, nas Paisagens?**2. Como é que os alunos percebem a intervenção do Homem, nas Paisagens?**

Tanto na turma W como na turma Y, verificou-se que todos os alunos conseguiram identificar a Paisagem em estudo, ou seja, conseguiram perceber que as Paisagens retratadas, nas fotografias são Paisagens Humanas. Esta distinção poderia ser fácil, no caso da disciplina de História, uma vez que nas fotografias vê-se uma cidade, com prédios, ruas, pontes ou meios de transporte. Portanto, é relativamente simples perceber que se trata de uma Paisagem Humana, devido aos elementos presentes nas imagens. No entanto, no caso dos dossiers de Geografia, onde os alunos estudaram o Central Park, não é tão fácil classificar a Paisagem em análise, uma vez que os elementos que formam esta Paisagem, tal e qual a conhecemos hoje, remete-nos para uma Paisagem Natural em bruto, ou seja, esta é uma área que copia fielmente a vegetação e o solo de um espaço verdadeiramente natural. Mesmo assim, verificou-se que todos os alunos conseguiram responder com sucesso a esta questão, uma vez que todos os estudantes classificaram a Paisagem como Humana.

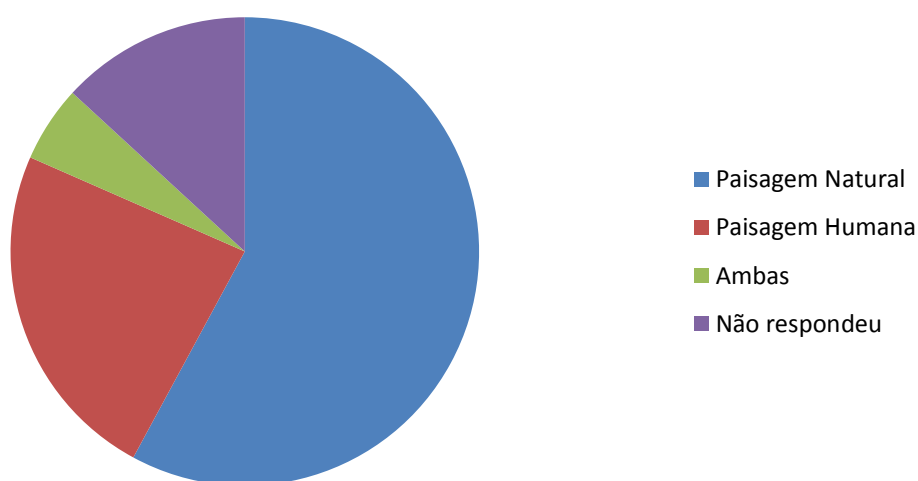
Relativamente à segunda questão de partida colocada “Como é que os alunos percebem a intervenção do Homem, nas Paisagens?” verificou-se que perante um bom e um mau exemplo da transformação da Paisagem, pelo Homem, nem sempre é possível prever os resultados que vamos obter.

No caso da disciplina de Geografia, era relativamente fácil prever que a maioria dos alunos estaria de acordo com aquele tipo de transformação, uma vez que o espaço estudado passou de um espaço ocupado por habitações degradadas, para um espaço de lazer e de ócio, sendo actualmente um dos pontos turísticos de Nova Iorque, e o cenário de vários filmes, livros e videojogos. Mais difícil de prever seria o facto de alguns alunos conseguirem ver aspectos positivos nos bombardeamentos sofridos pela Inglaterra, entre 1940 e 1941. Sendo este um acontecimento marcante, responsável não só pela destruição de parte de uma nação, mas também pela morte de 60 000 pessoas, só no Reino Unido, era difícil prever que algum aspecto positivo fosse extraído desta batalha. Como o aluno C2 referiu “(...) *por muito sofrimento que os bombardeamentos*

causaram, serviu para reconstruir a cidade e mostrar também a força e a vontade do povo britânico”³³. Esta capacidade de os estudantes identificarem aspectos positivos, em um acontecimento tão terrível, poderá evidenciar a sua própria capacidade de adaptação às situações mais adversas que vão surgindo, uma vez que alguns alunos, da turma W, já passaram por situações dolorosas, apesar da sua curta vivência.

De salientar, no entanto, a opinião dos alunos quanto à perda de Paisagens, pela mão do ser humano. No grupo II de ambos os dossiers (tanto de História como de Geografia) era questionado aos alunos o que seria mais “grave o Homem fazer: destruir uma paisagem natural (por exemplo o Parque Nacional da Peneda Gerês) ou destruir uma paisagem humana (por exemplo a cidade de Lisboa)”. Tendo em conta as respostas dos 38 alunos que responderam às questões levantadas pelos dossiers, verificou-se que 58% da amostra, ou seja, 22 alunos, consideram mais grave a destruição de uma Paisagem Natural, enquanto, apenas 24% da amostra (9 alunos) consideraram a perda de uma Paisagem Humana mais preocupante. Para além disso, 5% da amostra considerou que ambas as perdas são críticas e 13% dos alunos não responderam à questão em análise, como é possível ver no gráfico número 1.

Gráfico nº 1 - O que será mais grave o ser humano fazer: destruir uma Paisagem Natural ou destruir uma Paisagem Humana? (9º W e Y)



³³ Ver tabela nº 4, anexo G

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Mesmo os alunos que estudaram a transformação/destruição de uma Paisagem Humana, mais especificamente o 9ºW³⁴, ficaram divididos quanto ao que seria a perda mais grave: uma Paisagem Humana ou uma Paisagem Natural, uma vez que 38% da amostra considerou mais grave a destruição de uma Paisagem Humana e outros 38% dos alunos considerou mais grave a destruição de uma Paisagem Natural. De referir ainda que 5 alunos não responderam à questão colocada. Já na turma Y³⁵, 82% dos alunos foram unânimes e consideraram mais grave a destruição de uma Paisagem Natural, enquanto 12% da amostra considerou que ambas as perdas eram graves e apenas 1 aluno, (6% da amostra), considerou mais grave a perda de uma Paisagem Humana. Pode-se concluir assim, que independentemente de os alunos terem estudado as consequências terríveis da destruição de uma Paisagem Humana, como uma cidade, o que prevalece é a sua própria concepção de gravidade, bem como o que cada um considera mais vital para a sobrevivência do ser humano: uma cidade ou uma paisagem natural.

Assim, a forma como os alunos percebem a intervenção, a transformação e a destruição das Paisagens, pelo Homem, é muito relativa e depende de múltiplos factores: se a intervenção melhorou ou não a paisagem; se da intervenção podemos retirar algum aspecto positivo, os propósitos subjacentes à intervenção ou se o espaço intervencionado é vital para a sobrevivência do ser Humano. Portanto, não foi possível, através dos recursos criados e aplicados, responder à segunda questão de partida colocada.

³⁴ Ver o Gráfico nº 3

³⁵ Ver o Gráfico nº 2

Gráfico nº 2 - O que será mais grave o ser humano fazer: destruir uma Paisagem Natural ou destruir uma Paisagem Natural (9ºY)

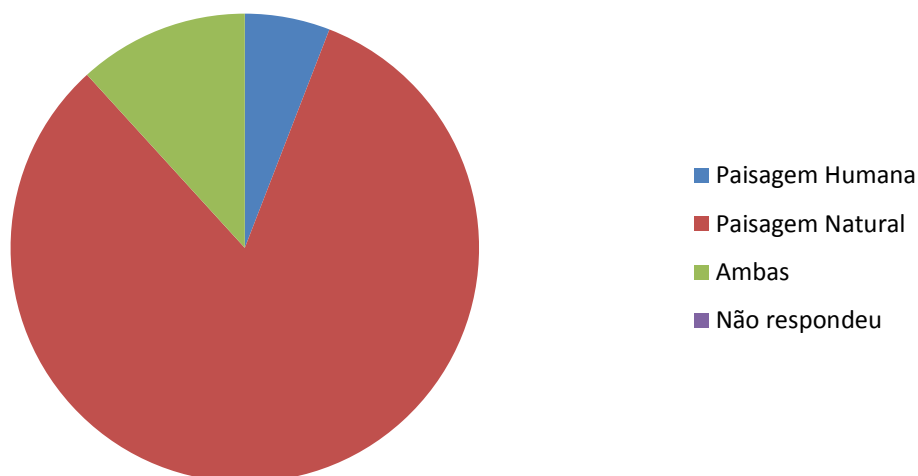
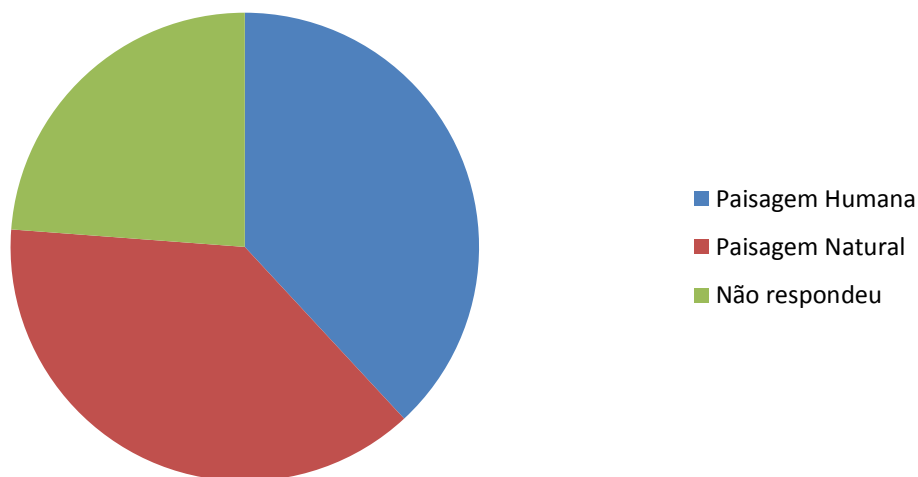


Gráfico nº 3 - O que será mais grave o ser humano fazer: destruir uma Paisagem Natural ou destruir uma Paisagem Humana? (9ºW)



Quanto à Análise de Avaliação, de Expressão e de Atitudes dos postais (grupo III) elaborados pelos alunos das turmas em análise, deve-se referir em primeiro lugar, a metodologia adotada. Para as várias categorias definidas: “desempenho no domínio específico da disciplina”, “desempenho no domínio da comunicação linguística”, “criatividade” e “empenho”, foram definidos vários níveis, de 4 a 1 ou de 3 a 1, sendo o

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

4 o nível mais elevado (por possuir, por exemplo, todos os critérios estabelecidos) e o 1 o nível mais baixo. Naturalmente, os alunos que se encontram no nível 4 ou 3 são os que possuem melhor aproveitamento, na tarefa em análise³⁶.

Tabela nº 5 – Análise de Avaliação (9º W e 9º Y)

DESEMPENHO NO DOMÍNIO ESPECÍFICO DA DISCIPLINA		9º W
NÍVEIS		RESULTADOS
4	A resposta cumpre os seguintes critérios: • Mobilização dos conhecimentos adquiridos na aula; • Localização no tempo; • Localização no espaço; • Referência às fotografias analisadas na aula, ao longo do seu discurso;	C2; G2; M2;
3	A resposta cumpre apenas <u>três</u> dos critérios apresentados no nível 4:	A2; B2; D2; F2; H2; J2; K2; P2; Q2;
2	A resposta cumpre apenas <u>dois</u> dos critérios apresentados no nível 4:	E2; I2; L2; O2; R2; T2;
1	A resposta cumpre apenas <u>um</u> dos critérios apresentados no nível 4:	N2; S2;
DESEMPENHO NO DOMÍNIO ESPECÍFICO DA DISCIPLINA		9º Y
NÍVEIS		RESULTADOS
3	A resposta cumpre os seguintes critérios:	A1; B1; D1; E1; I1;

³⁶ (Anexo H - Tabela nº 5 – Análise de Avaliação (9º W e 9º Y))

	• Mobilização dos conhecimentos adquiridos na aula; • Localização no espaço; • Referência às fotografias analisadas na aula, ao longo do seu discurso;	
2	A resposta cumpre apenas <u>dois</u> dos critérios apresentados no nível 3:	C1; F1; G1; H1; J1; L1; Q1;
1	A resposta cumpre apenas <u>um</u> dos critérios apresentados no nível 3:	K1; M1; N1; O1; P1;

Assim, verificou-se, primeiramente, na turma W, que apenas 3 alunos construíram uma boa resposta, cumprindo os 4 critérios previamente estabelecidos, ou seja, mobilizaram os conhecimentos adquiridos na aula, localizaram-se no tempo e no espaço e fizeram referência às fotografias analisadas, na aula. A grande maioria dos estudantes (9) obteve o nível 3, pois apenas cumpriram 3 dos 4 critérios estabelecidos. No nível 2 situam-se 6 alunos, ao cumprirem só 2 dos 4 critérios. Por fim, no nível 1, encontram-se 2 alunos, uma vez que apenas referiram 1 dos 4 critérios estabelecidos. No entanto, é possível fazer um balanço muito positivo, visto que a maioria dos alunos (11) centram-se no nível 4 e 3, por possuírem textos que cumprem todos ou quase todos os critérios estabelecidos. Quanto à turma Y, o cenário é semelhante. O melhor nível (3) conta com 5 alunos, uma vez que cumpriram os 3 critérios estabelecidos, ou seja, mobilizaram os conhecimentos adquiridos na aula, localizaram-se no espaço e fizeram referência às fotografias, ao longo do discurso. No nível 2 estão 7 alunos, por cumprirem 2 dos 3 critérios e no nível 1 encontram-se 5 alunos.

Quanto ao desempenho no domínio da comunicação escrita:

Tabela nº 6 – Análise de Expressão (9º W e 9º Y)³⁷

DESEMPENHO NO DOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO LINGUÍSTICA		9º W	9º Y
NÍVEIS		RESULTADOS	
3	A resposta apresenta: • Texto bem estruturado, sem erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, ou com erros esporádicos, cuja gravidade não implique a perda de inteligibilidade e/ou de sentido;	A2; B2; C2; F2; G2; H2; K2; L2; M2; P2; Q2; S2;	A1; B1; D1; E1; F1; G1; I1; M1; O1;
2	A resposta apresenta: • Texto com problemas de estrutura, e com erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, cuja gravidade não implique a perda de inteligibilidade e/ou de sentido;	D2; E2; I2; J2; N2; O2; T2;	C1; H1; L1; N1; P1; Q1;
1	A resposta apresenta: • Texto com problemas de estrutura, e com erros de sintaxe, de pontuação e/ou de ortografia, cuja gravidade implique a perda de inteligibilidade e/ou de sentido;	R2;	J1; K1;

Observou-se que, na turma W, 12 alunos encontram-se no nível 3, contra 9 alunos da turma Y. Quanto ao nível intermédio, verifica-se que há um certo equilíbrio entre as duas turmas, visto que no 9º W existem 7 alunos neste nível e no 9ºY estão 6 alunos. Já nos níveis mais baixos, é a turma Y que possui mais alunos (2) contra apenas 1 aluno da turma W.

³⁷ (Anexo I - Tabela nº 6 – Análise de Expressão (9º W e 9º Y))

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Relativamente à criatividade, verificou-se que a turma W possui textos com mais criatividade (8), ou seja, os alunos conseguiram criar uma história rica e apelativa, sem esquecer as orientações dadas, no dossier. Já na turma Y contam-se apenas 5 alunos com nível 3, quanto à criatividade. No nível intermédio, esta turma conta com 4 alunos, enquanto na turma W, 8 alunos se salientaram nesse nível. Já no nível mais baixo, ou seja, resposta com “pouca criatividade”, a turma W possui apenas 3 alunos e a turma Y possui 8 alunos. Estes resultados estão diretamente relacionados com a falta de empenho dos estudantes nesta atividade. Na turma W, 11 alunos encontram-se no nível 3, 6 alunos estão no nível intermédio e apenas 3 alunos situam-se no nível mais baixo. Paralelamente, na turma Y existem 7 alunos no nível mais elevado, 5 alunos no nível 2 e 5 alunos no nível mais baixo.

Tabela nº 7 – Análise da Criatividade (9º W e 9ºY)³⁸

CRIATIVIDADE		9ºW	9º Y
NÍVEIS		RESULTADOS	
3	A resposta apresenta: • Muita criatividade;	A2; C2; F2; H2; K2; L2; M2; Q2;	A1;B1;D1;E1;F1;
2	A resposta apresenta: • Criatividade razoável;	B2; D2; E2; G2; N2; O2; P2; S2; T2;	G1;I1;L1;M1;
1	A resposta apresenta: • Pouca criatividade;	I2; J2; R2;	C1; H1; J1; K1; N1; O1; P1; Q1;

Tabela nº 8 – Análise de Atitudes – Empenho (9ºW e 9ºY)³⁹

EMPENHO		9ºW	9ºY
NÍVEIS		RESULTADOS	
3	Os alunos estiveram: • Muito Empenhados	A2; B2; C2; D2; F2; H2; K2; L2; M2; N2; Q2;	A1; B1; D1; E1; F1; G1; L1;

³⁸ (Anexo J - Tabela nº 7 – Análise da Criatividade (9º W e 9ºY))

³⁹ (Anexo K - Tabela nº 8 – Análise de Atitudes – Empenho (9ºW e 9ºY))

2	Os alunos estiveram: • Razoavelmente Empenhados	E2; G2; I2; J2; O2; P2;	C1; I1; M1; O1; Q1;
1	Os alunos estiveram: • Pouco Empenhados	R2; S2; T2;	H1; J1; K1; N1; P1;

É necessário ter em conta que na turma Y realizaram o dossier menos 3 alunos do que na turma W. Porém, ao analisarmos a categoria do empenho, facilmente se percebe que no 9ºW há uma maior concentração de alunos nos dois primeiros níveis (mais elevados), ao contrário da turma Y. Esta avaliação do empenho dos alunos foi feita tendo em conta não só os textos produzidos, mas também o empenho demonstrado e observado ao longo das aulas, atribuídas à realização desta actividade.

A nível geral, apesar da turma Y ter um aproveitamento escolar superior à turma W, a verdade é que os alunos apresentam níveis de empenho muito diferentes. Os alunos da turma W possuem algumas dificuldades, porém são muito mais participativos e empenhados, nas atividades, questionando os professores sempre que apresentam dúvidas. Naturalmente, o interesse e o empenho acabam por se refletir na avaliação, positiva, dos alunos.

Após a realização deste trabalho, considera-se que nem todos os objetivos estipulados foram alcançados com sucesso.

Apesar de se ter conseguido incorporar o estudo e o trabalho da Paisagem, no 9º ano de escolaridade, tanto na disciplina de Geografia, como na disciplina de História, e dos alunos terem aderido bem ao estudo desta temática, a verdade é que não se conseguiu responder à segunda questão de partida formulada, ou seja, perceber como é que os alunos percebem a intervenção do Homem nas Paisagens. Isto é, as questões feitas aos estudantes e as respostas dadas não foram suficientes para chegar a uma conclusão, relativamente a este debate. Isto, porque existem várias variáveis que condicionam a percepção dos alunos, como por exemplo: “se a intervenção melhorou ou não a paisagem; se da intervenção podemos retirar algum aspeto positivo, os propósitos subjacentes à intervenção ou se o espaço intervencionado é vital para a sobrevivência do ser Humano”. Portanto, para dar resposta a esta segunda questão de partida dever-se-ia ter incidido sobre estas diversas variáveis, que acabaram por surgir, apenas no final da investigação realizada. Assim, num estudo futuro, a incorporação destas variáveis poderá permitir que se consiga responder a esta questão com sucesso. No entanto, é preciso ter em conta que os resultados obtidos neste estudo estão diretamente relacionados com a amostra trabalhada, ou seja, com os alunos da turma W e da turma Y do 9º ano, uma vez que os alunos destas turmas provêm de contextos muito específicos.

Para além disso, o tipo de análise feita (Análise de Conteúdo), revelou-se uma tarefa um pouco complexa de realizar, uma vez que nunca se tinha trabalhado com dados qualitativos, apenas quantitativos. Apesar disso considera-se que tendo em conta a inexperiência neste tipo de investigação, o tratamento da informação recolhida acabou por, aparentemente, decorrer sem problemas de maior gravidade. De referir ainda que se desejava ter trabalhado mais a Paisagem com os alunos. Porém, a obrigatoriedade em cumprir o currículo, a falta de tempo para lecionar todos os conteúdos dos programas das disciplinas e a necessidade de dividir as turmas com os restantes colegas de estágio, fez com que se trabalhasse apenas o essencial e o mais relevante, sobre esta temática.

Torna-se essencial referir o empenho e o interesse dos alunos por esta temática, o que acabou por facilitar o trabalho com as turmas, uma vez que os estudantes foram, na generalidade, participativos e interessados nos conteúdos estudados, demonstrando um verdadeiro interesse pelas temáticas abordadas, como se verificou na turma Y, aquando o estudo do ajardinamento da Paisagem, ou na turma W com o estudo dos bombardeamentos na cidade de Londres, entre 1940-1941.

Apesar de este ser um tema difícil de investigar, no ramo educacional, uma vez que o próprio tema da Paisagem é complexo, considera-se que a maioria das estratégias definidas foram pertinentes e permitiram trabalhar, como se esperava, o tema junto dos alunos, para além de terem suportado o trabalho desenvolvido ao longo de toda a iniciação à prática pedagógica. De salientar que o estudo da transformação da Paisagem pelo Homem, é uma temática da maior importância, uma vez que os alunos vivem, na sua maioria, no meio urbano, não tendo contacto com espaços naturais “verdadeiros”. Os espaços verdes com que os alunos convivem, na cidade, são artificiais, criados de raiz pelo Homem.

Assim, considera-se que é importante trabalhar a transformação da Paisagem com os alunos, de forma interligada com as disciplinas de História e de Geografia, para assim demonstrar, em primeiro lugar, que muitos espaços verdes que conhecemos, não são verdadeiramente naturais, mas sim uma criação do ser humano, como é o caso do Central Park ou mesmo do Parque da Cidade. E, em segundo lugar para que os estudantes percebam que como o Homem constrói de raiz uma Paisagem, também a destrói muito facilmente, como foi estudado no caso da cidade de Londres, aquando a 2.^a Guerra Mundial.

VI. Bibliografia

- ✓ Alves, T. (2001). Paisagem – Em busca do lugar perdido. *Finisterra*, XXXVI, 72, p.67-74. (Online) [Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/> - Consultado em Abril de 2010].
- ✓ Amar, J.P. (2007). *História da Fotografia*. Lisboa: Edições 70.
- ✓ Araújo, I. A. (1962). *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Ministério das Obras Públicas – Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo.
- ✓ Briggs, A. (1999). *A Social History of England*. Lisboa: Editorial Presença.
- ✓ Câmara, A. C., Ferreira, C.C., Silva, L.U., Alves, M.L. & Brazão, M. M. (2001). *Geografia. Orientações curriculares 3º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação. (Online) [Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=146>-Consultado em Maio de 2013].
- ✓ Círculo de Leitores (1998). “*Nova Enciclopédia LAROUSSE*”. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- ✓ Davies, N. (2008). *A Europa em Guerra 1939 -1945*. Lisboa: Edições 70.
- ✓ Domingues, A. (2001). A Paisagem Revestida. *Finisterra*, XXXVI, 72, p.55-66. (Online) [Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/> -Consultado em Abril de 2010].
- ✓ Duncan, J. (1990). *City as text: The Politics Of Landscape Interpretation In The Kandyan Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ✓ Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In Lima, J.; Pacheco, J. (Org.) *Fazer investigação - contributos para a elaboração de dissertações e teses*. (p. 105-125). Porto: Porto Editora.
- ✓ Fundação de Serralves (1988). *A Casa de Serralves – Retrato de uma Época*. Porto: Fundação de Serralves.
- ✓ Gaspar, J. (2001). O Retorno da Paisagem à Geografia – Apontamentos Místicos. *Finisterra*, XXXVI, 72, p.83-99. (Online) [Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/> -Consultado em Abril de 2010].
- ✓ Gilbert, M. (2009). *A II Guerra Mundial*. Lisboa: Dom Quixote

- ✓ Gregory, D., Johnston R., Pratt G., Watts M., Whatmore S. (2009). *The Dictionary of Human Geography*. EUA: John Wiley & Sons.
- ✓ Heras, B. (Sem data). *Mujeres en guerra: prototipos de la II república a través del cine. Desde la transición hasta nuestros días*. Universidad Carlos III de Madrid.
- ✓ Jackson, K. T. (2003). Preface. In Miller, S. C. *Central Park, an American Masterpiece: A Comprehensive History of the Nation's First Urban Park*. (p. 7-13). NY: HNA.
- ✓ Miller, S. C. (2003). *Central Park, an American Masterpiece: A Comprehensive History of the Nation's First Urban Park*. NY: HNA.
- ✓ Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica. (Sem Data). Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais de História e de Geografia*. (Online) [Disponível em <http://www.dgdc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2> -Consultado em Maio de 2013].
- ✓ Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica. (1991). Programa de História – *Plano de Organização do Ensino Aprendizagem*. Oficinas Gráficas da Imprensa Nacional – Casa da Moeda. (Online) [Disponível em <http://www.dgdc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=49> - Consultado em Maio de 2013].
- ✓ Mussoi, A. B. (2008). *A Fotografia como recurso didático no Ensino de Geografia*. (Online) [Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>- Consultado a 22 de Março de 2013].
- ✓ Pinto T.; D'Abreu A.; Oliveira, R. (2001). Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia Aplicada a Portugal Continental. *Finisterra*, XXXVI, 72, p. 195-206. (Online) [Disponível em <http://www.ceb.ul.pt/finisterra/> - Consultado em Abril de 2010].
- ✓ Ramalho, M. H. (2007). A Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e as possibilidades de rentabilização do conceito “Paisagem”. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto*. II Série, Volume I, p. 55-85.

- ✓ Ribeiro, O. (1993). *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- ✓ Rocha, S. A. (2007). Geografia Humanista: História, Conceitos e o Uso da Paisagem percebida como perspectiva de estudo. *R. RA'E GA*, Curitiba, nº13, p. 19-27.
- ✓ Sarmento, J. (2004). *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia e Fundação Calouste Gulbenkian.
- ✓ Schnell, R. (Sem Data). *O Uso da Fotografia em sala de aula – Palmeira: o espaço urbano, económico e sociabilidade – a fotografia como fonte para a história – 1905 a 1970*. (Online) [Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-4.pdf> - Consultado a 21 de Março de 2013].
- ✓ Souza, A. (2009). *Empatia Histórica: Um estudo nas Atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica (2000-2006)*. Universidade Estadual Londrina. (Online) [Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ALINE%20APARECIDA%20ODE%20ALMEIDA%20SOUZA.pdf> - Consultado a 15 de Junho de 2013].
- ✓ Tavares, A. (2007). *Os Fantasmas de Serralves*. Porto: Dafne Editora.

- ✓ www.unesco.pt (Consultado a Junho de 2010)
- ✓ www.unesco.com (Consultado a Junho de 2010)
- ✓ www.vitruvius.com.br (Consultado a Junho de 2010)
- ✓ www.iucn.org/ (Consultado a Junho de 2010)
- ✓ www.portugaltours.com.pt/ (Consultado a Fevereiro de 2011)
- ✓ <http://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&tab=wl> (Consultado a Fevereiro de 2013)
- ✓ http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:London_Blitz_791940.jpg (Consultado a Fevereiro de 2013)
- ✓ <http://londonholic.blogspot.pt/2010/12/seventy-years-ago-today-in-london.html> (Consultado a Fevereiro de 2013)
- ✓ <http://www.danielyang.com/musings/postcards3.php> (Consultado a Fevereiro de 2013)
- ✓ <http://www.nickelinthemachine.com/2010/12/the-second-fire-of-london/> (Consultado a Fevereiro de 2013)
- ✓ www.the-rioblog.blogspot.com (Consultado em Maio de 2013)
- ✓ <http://www.centralparknyc.org/visit/things-to-see/great-lawn/great-lawn.html> (Consultado em Maio de 2013)
- ✓ <http://landarchs.com/aesthetics-vs-functionality/> (Consultado em Maio de 2013)
- ✓ http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Central_Park_New_York_City.svg (Consultado em Maio de 2013)
- ✓ <http://historiasdenuevayork.wordpress.com/2013/01/27/paseos-de-domingo-por-central-park-historia-del-parque-capitulo-3-gran-depresion-y-era-moses-1900-1960/> (Consultado em Maio de 2013)
- ✓ <http://www.centralpark.com/guide/history.html> (Consultado em Maio de 2013)

ANEXOS

Grupo I**Lê atentamente o seguinte documento:****1. Os bombardeamentos alemães, na Inglaterra**

O “dia da Água”, 13 de Agosto de 1940, foi a 4ª campanha militar alemã em menos de um ano, e teve como alvo a Inglaterra. Esta campanha, no entanto, apenas previa ofensivas aéreas. A este conjunto de ofensivas aéreas foi dado o nome de “Batalha da Inglaterra”.

A Batalha de Inglaterra foi assim uma série de bombardeamentos diários sobre o sul da Inglaterra. Estes bombardeamentos tinham como principal objectivo neutralizar pontos estratégicos neste país, onde se destacam as bases aéreas, para desta forma acabar com o poderio aéreo inglês. Só assim, os alemães saberiam se podiam ou não avançar com a operação “Leão-marinho”, ou seja, invadir a Inglaterra por terra.

Os sucessivos bombardeamentos que pretendiam destruir “docas, linhas férreas, fábricas e navios” não previam a salvaguarda da vida dos civis. Só na primeira noite dos bombardeamentos nocturnos, a 7 de Setembro de 1940, no ataque à “Docklands”, morreram cerca de 2000 cidadãos londrinos. A intenção da Alemanha era fazer a «Grã-Bretanha cair de joelhos, tanto a nível económico como a nível psicológico». Só em Londres, entre 1940 e 1941 perderam a vida cerca de 43 000 pessoas.

Mas, os alemães ficaram surpreendidos com a capacidade de resposta da Inglaterra. Os ingleses sofreram com os ataques nazis, mas “não sucumbiram” e Hitler teve assim que adiar «para mais tarde» a invasão da Grã-Bretanha.

“A Batalha de Inglaterra”

(adaptado de M. Gilbert (2009) e N. Davies (2008))

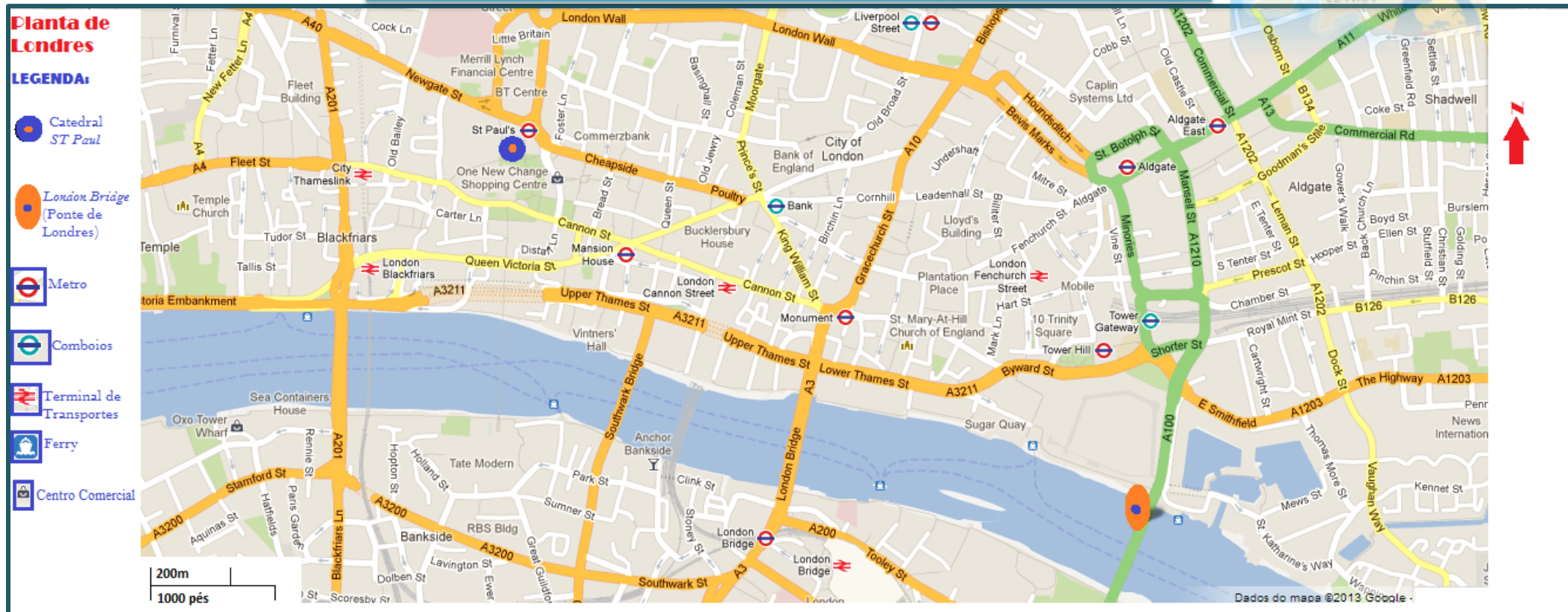
1. Planta de Londres (parcial) 2013

Nota:

GRÃ-BRETANHA é o nome da grande ilha onde ficam três nações: Inglaterra, País de Gales e Escócia.

REINO UNIDO é um Estado formado por quatro nações: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte.

ILHAS BRITÂNICAS é um arquipélago formado por várias ilhas. As duas maiores são a Grã-Bretanha e a ilha da Irlanda.



Grupo II

Observa atentamente as fotografias:

Londres **antes** dos bombardeamentos da II Guerra Mundial



Documento nº 1 – Catedral *St Paul* **1930**

A Catedral de São Paulo (*ST Paul*) foi construída naquilo que era o ponto mais alto da cidade de Londres, entre 1675 e 1710, em honra de São Paulo.

Esta foi a primeira Catedral a ser construída após a Reforma Inglesa, no século XVI, quando o Rei Henrique VIII fundou a Igreja Anglicana.

Morada:
ST Paul's Churchyard,
London
EC4M 8AD, United Kingdom

Adaptado de:
<http://www.stpauls.co.uk/Cathedral-History> (Consultado a 12.03.2013)



Documento nº 2–*London Bridge* (Ponte de Londres) **1930**

Os planos para a *London Bridge* surgiram por volta de 1875, quando surge a necessidade de expandir a cidade para a outra margem do rio Tamisa.

A ponte foi desenhada pelo arquitecto Horance Jones com a colaboração de John Wolfe Barry, estando completa em 1894.

Para a construção desta ponte foram necessários cerca de 450 trabalhadores e 11.000 toneladas de aço.

Na época muitas pessoas não gostaram do seu design gótico vitoriano, mas actualmente, a *London Bridge* é um dos principais símbolos de Londres.

Adaptado de
<http://www.aviewofcities.com/london/towerbridge.htm>
(Consultado a 12.03.2013)

Londres **após** os bombardeamentos da II Guerra Mundial



Documento nº 3 – Catedral *St Paul* após os bombardeamentos **1940**



Documento nº 4 – Vista do rio Tamisa de pontos bombardeados, nas docas **1940**

Depois de teres observado muito bem todas as fotografias, responde às seguintes questões:

1. Em que cidade ocorreu este acontecimento? _____

2. Em que contexto surgem estas fotografias?

3. Qual a importância destas fotografias para a história da Inglaterra?

4. Que tipo de Paisagem é possível observar nas fotografias?

Paisagem Natural

Paisagem Humana

4.1. Quais são os elementos, que distingues nas fotografias, que te permitem chegar a essa conclusão?

5. Descreve como estava a paisagem **antes** dos bombardeamentos:

6. Identifica as principais transformações ocorridas **após** os bombardeamentos:

7. Que tipos de consequências poderão resultar destes acontecimentos?

8. Na tua opinião, refere o que será mais grave o Homem fazer: destruir uma paisagem natural (por exemplo o Parque Nacional da Peneda Gerês) **ou** destruir uma paisagem humana (por exemplo a cidade de Lisboa):

8.1. Porquê?

Olá! **Imagina** que és um **turista** e que visitaste Londres em **1930**, antes dos bombardeamentos alemães. Em **1941** voltaste a visitar Londres, já depois dos bombardeamentos.

Com base em todas as **fotografias** que te são disponibilizadas nesta ficha, **escreve um postal a um amigo português**.

Nesse postal tens de:

- I. **Descrever** a Paisagem que observaste **antes** dos bombardeamentos;
- II. **Descrever** a Paisagem que observaste **depois** dos bombardeamentos;
- III. Dar a tua **opinião** sobre o **tipo de transformação da Paisagem, ocorrida em Londres** (tendo em conta o antes e o depois).



As docas junto à London Bridge antes e depois dos bombardeamentos, Londres



Catedral de ST Paul, antes e depois dos bombardeamentos, Londres

BILHETE POSTAL

O postal da amizade
La postal de la amistad
La carte postale de l'amitié
The friendship post card
Die Freundschaftskarte

LIPER-Porto
(Reprodução proibida)

Nº 677 VILA NOVA DE OURÉM (Portugal)
Avenida D. Nuno Alvares Pereira
"D. Nuno Alvares Pereira" Avenue
Avenue "D. Nuno Alvares Pereira"

Fotografia da FISA
(A.B.)

Grupo I

O Central Park foi o primeiro parque público paisagista, nos Estados Unidos da América. Este foi um projecto que começou a ser pensado por volta de 1853.

Para a sua concretização tornou-se necessário expropriar⁴⁰ a população que habitava nesse espaço, na sua maioria emigrantes. O território escolhido para a implantação do parque, localiza-se no centro de Manhattan (em Nova Iorque), e era um terreno pantanoso e rochoso, que em 1858 ganha um projecto de transformação, cuja responsabilidade foi de Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, ficando concluído em 1873. Porém, com a morte de Calvert Vaux o parque entra num processo de decadência, devido ao desinteresse das forças políticas, da época. Durante vários anos as autoridades não se preocuparam com a manutenção deste espaço. Já no século XX, com o eclodir da crise de 1929, muitas pessoas desempregadas e sem casa viram-se obrigadas a viver em bairros de lata, os conhecidos “Hoovervilles”⁴¹. Também o Central Park foi ocupado por estes bairros de lata, contribuindo ainda mais para a degradação deste espaço. Porém, em 1934 o urbanista Robert Moses inicia a requalificação do Central Park, devolvendo-lhe a função para a qual foi criado: o



Planta do
Central
Park, NY,
EUA

⁴⁰ Expropriar - Acto de tirar algo a alguém em troca de uma indemnização.

⁴¹ Bairros de lata que ficaram conhecidos por “Hoovervilles”, pois eram muitos aqueles que culpavam o Presidente Americano Hebert Hoover, pelo eclodir da crise de 1929.

Central Park voltou a ter a sua função lúdica, recreativa e de ócio. Hoje é um dos parques mais conhecidos do mundo, sendo o cenário escolhido para vários filmes, eventos e comemorações⁴².



As vilas de Nova Iorque – Planta de Manhattan

- ✓ Nova Iorque é composta por cinco *boroughs* (vilas)
: Bronx, Brooklyn, Manhattan, Queens e Staten Island

⁴² Adaptado de: <http://www.centralpark.com/guide/history.html> e de <http://historiasdenuevayork.wordpress.com/2013/01/27/paseos-de-domingo-por-central-park-historia-del-parque-capitulo-3-gran-depresion-y-era-moses-1900-1960/> (Sites consultados a 2 de Maio de 2013)

Grupo II

Observa atentamente as fotografias:



Documento nº 1 – Espaço onde foi construído o Central Park, Nova Iorque, EUA

Segunda metade do século XIX



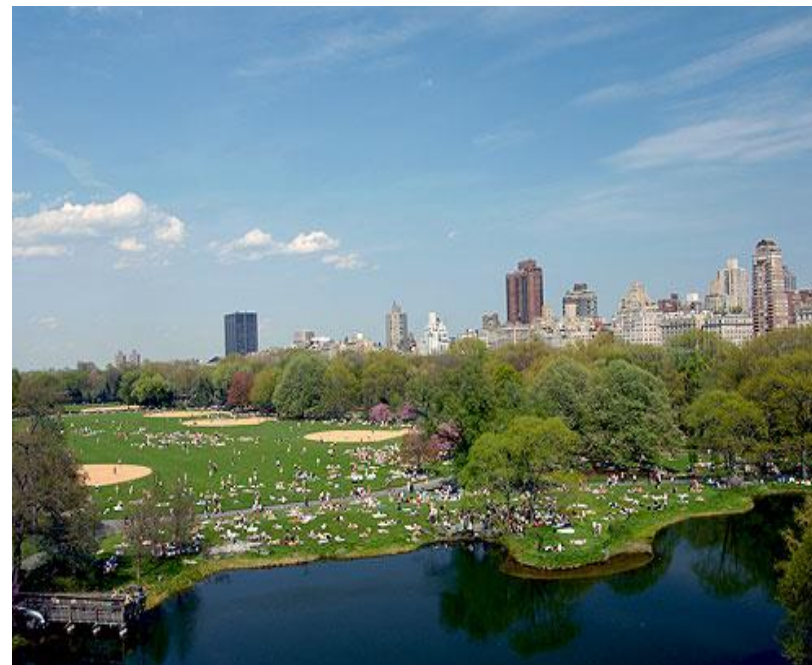
Documento nº 2 – Hooverville, *Central Park* – *Great Lawn*, Nova Iorque, EUA

1931



Documento nº 3 –*Central Park*, Nova Iorque, EUA

Actualmente



Documento nº 4 –*Central Park – Great Lawn*, Nova Iorque, EUA

Actualmente

Depois de teres observado muito bem todas as fotografias, responde às seguintes questões:

5. Identifica o espaço onde se localiza esta paisagem:

2. Que tipo de Paisagem é possível observar nas fotografias?

Paisagem Natural

☐

Paisagem Humana

☐

2.1. Identifica os elementos, presentes nas imagens, que te permitem chegar a essa conclusão:

3. Refere se o Central Park **pode ou não** ser considerado uma Paisagem Natural.

Porquê?

4. Refere a importância destas fotografias para a cidade de Nova Iorque.

5. Na tua opinião, refere o que será mais grave o Homem fazer: destruir uma paisagem natural (por exemplo o Parque Nacional da Peneda Gerês) **ou** destruir uma paisagem humana (por exemplo a cidade de Lisboa):

5.1. Porquê?

Grupo III



Olá! **Imagina** que és um **turista** a **visitar o Central Park**, nos Estados Unidos da América.

Com base em todas as **fotografias** que te são disponibilizadas neste dossier, **escreve um postal a um amigo**.

Nesse postal **tens de**:

- **Descrever** a Paisagem que observas;
- Dar a tua **opinião** sobre o **tipo de transformação da Paisagem, feita no Central Park** (tendo em conta o **antes** e o **depois**).

Bom trabalho!

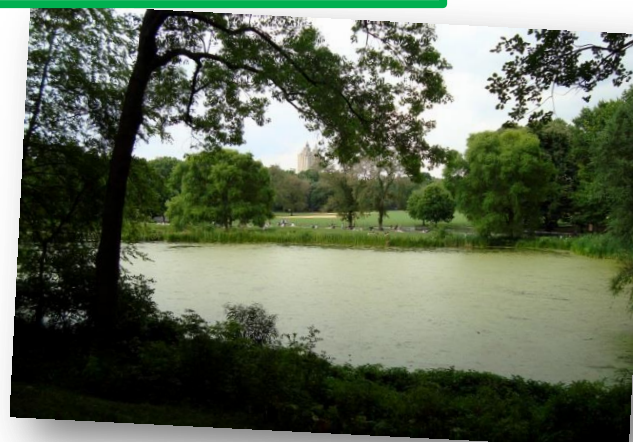
BILHETE POSTAL

O postal da amizade
La postal de la amistad
La carte postale de l'amitié
The friendship post card
Die Freundschaftskarte

LIFER-Porto
(Reprodução proibida)

Nº 677 VILA NOVA DE OURÉM (Portugal)
Avenida D. Nuno Alvares Pereira
"D. Nuno Alvares Pereira" Avenue
Avenue "D. Nuno Alvares Pereira"

Fotografia da FISA
(AB)



Central Park, NY, EUA

ANEXO C**RESPOSTAS DOS ALUNOS, GRUPO III, 9º W e 9º Y****Postais de Geografia 9ºY**

A1 Querido amigo, estou de visita ao Central Park, em Nova Iorque, um local habitacional que passou a ser um local de visita de muitos turistas, como eu. É um local lindo, com verde por todo o lado e cheio de lagos, simplesmente maravilhoso. Uma paisagem que parece natural no meio de uma cidade. Aconselho-te a cá vir, não te vais arrepender.

Um beijinho,

P.s- Fizeram muito bem em construir este local, pois antes não tinha utilidade quase nenhuma, pouca gente vivia lá e era um espaço degradado.

B1 Olá! Escrevo-te este postal para te dizer como é o Central Park, pois está a ser uma experiência incrível. É um espaço enorme, rodeado de prédios mas com vários espaços verdes e que permite fazer várias actividades ao ar livre. Ahh! Tem também um lago enorme e com água pura.

Este parque estava bastante destruído e com muitas barracas, mas graças ao Homem, está muito melhor.

C1 Olá meu amigo, este lugar aqui é especialmente fenomenal. Tem muitas árvores, tem um lago lindo e grande, é um sítio para mais tarde recordar. Antes isto era muito mau e com as mudanças que fizeram ficou bem melhor.

D1 Olá amigo! (: estive ontem no Central Park, em Nova Iorque. Decidi escrever-te, pois sei que adoras a natureza, e apesar de esta ser humanizada, consegue parecer bem natural. Vi lagos e rios, árvores de diferentes espécies. Aquele ambiente é fresco e sentes-te livre. Acho que fizeram uma ótima transformação. Em comparação ao bairro de lata que se encontrava naquele sítio antes das construções do parque, aquilo tornou-se num espaço fantástico, onde agora se pode encontrar vegetação, ar fresco e

saudável, etc. Aconselho-te a visitar este parque um dia que possas, não te vais arrepender. Beijo,

E1 Olá! Passadas muitas horas de viagem cheguei aqui a Nova Iorque. Eu estou numa espécie de agência que oferece visitas a sítios importantes de Nova Iorque, com um guia turístico. E ontem fui ao Central Park, em Manhattan. Aquilo é lindo, parecia que estávamos no paraíso. A paisagem é tão verde e bonita. O parque tem de tudo, árvores, flores, um lindo lago. Quando lá fui estava cheio de pessoas. O guia falou-nos deste espaço e mostrou-nos algumas fotos a mostrar a evolução. No ano de 1929 com a crise o parque estava horrível e muito degradado. Ainda bem que apostaram neste lindo local e o tornaram tão agradável para as pessoas que cá vêm. Que dizes, vens ter comigo a Nova Iorque para fazermos um piquenique no Central Park? Vejo-te em breve. Beijinhos.

F1 Olá. Como sabes eu vim a Nova Iorque para vir conhecer uma nova cultura. Aqui o ar é assim um bocado poluído, eu perguntei aos habitantes se havia algum jardim e falaram-me do Central Park. É um parque espectacular, tem árvores verdinhas, um lago espectacular com patinhos. É lindo! Vocês têm que cá vir isto é lindo. Aproveitei que estava no Central Park para almoçar e almocei bem porque só se ouvia os pássaros a cantar.

Beijos “Barbie”

G1 Querido amigo, estou a visitar o Central Park, que passou a ser um local muito “turístico”. É um local muito lindo e grande, com verde por todo o lado, principalmente nas árvores grandes e majestosas. Acho que é um local espectacular e que fizeram muito bem em construí-lo. Quando puderes vem-nos visitar.

Xau

H1 Olá, colega venho por este meio dizer-te que fui visitar o Central Park em NY, tenho a dizer-te que é lindo, tem muitas árvores e animais, está bastante melhor do que em 1931. Aconselho-te a ir lá. Um grande abraço,

I1 Olá, a paisagem do Central Park é maravilhosa! Apesar da paisagem ter sido criada pelo Homem, dá a sensação que é uma paisagem Natural. Eu acho que a paisagem foi

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

muito bem construída porque antes era um bairro de lata que não tinha as mínimas condições e foi transformado num grande parque com árvores, imensos lagos e imensas árvores verdes onde se pode passear e brincar.

J1 Este parque é feito pelo Homem mas parece ser uma paisagem natural, tem lagos, relva, árvores, pedras, tem bichos. Antigamente tinha bairros de lata, mas com a óptima transformação do parque com material natural (?)

K1 As paisagens que eu vejo, comparadas com as de alguns anos são muito melhores, pois está mais verde, foi reconstruído e está muito melhor que em 1931.

L1 Olá escrevo-te este postal para te contar como foi a minha visita ao Central Park. Bem, vou começar pelo princípio, o Central Park é assim muito grande e bonito, apesar de agora não estar muito bem tratado. Tem montes de lagos grandes e coloridos e tem milhares de árvores e plantas espalhadas por todo o lado. Bem, resumindo aquilo é um sonho. Aconselho-te a ires lá um dia.

Um beijo grande da tua amiga

P.s. –Não esquecendo que é uma paisagem com muitos anos.

M1 Fizeram bem em trocar da paisagem anterior para esta, porque antes basicamente não tinha utilidade e com esta nova paisagem a cidade ganhou mais turismo e uma nova imagem. É uma paisagem que tem muitas árvores, lagos e parece mesmo uma paisagem natural. Aconselho-te a visitar o Central Park.

N1 Bom dia, eu sou o João Lamego e quero-te dizer que o parque apesar de ser antigo e não muito bem tratado é um parque muito bonito e uma paisagem fantástica. Aconselho-te a ires lá, é muito divertido.

O1 Antes isto era bem diferente, tinha bairros de lata, estava sem espaços verdes. Agora está mais bonito, pois foi reconstruído e tem espaços verdes e fica bem no meio de tanta poluição (cidade à volta).

P1 A Paisagem do Central Park é linda, é muito natural. Fizeram muito bem. Liliana Ferreira

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

Q1 A paisagem do Central Park é linda! Acho que eles fizeram muito bem em reconstruí-lo: modera muito bem a cidade. Tem um grande lago e muitas árvores, linda!

R1 Aluno com Necessidades Educativas Especiais (dificuldades de aprendizagem) (NEE).

S1 O aluno faltou no dia em que se fez esta actividade (8.05.2013)

T1 Aluno com Necessidades Educativas especiais (Autista) (NEE).

U1 Aluno com Necessidades Educativas especiais (Autista) (NEE).

Postais de História – 9º W

A2 Olá Israel, queria-te contar que sobrevivi aos bombardeamentos de 1940 em Londres. A Paisagem antes desse acontecimento era bonita, tinha umas cores muito brilhantes, de noite era algo que cativava as pessoas e principalmente os turistas. As ruas eram bem formadas, as casas eram boas e com condições. Quando se deu os bombardeamentos eu resolvi fugir de Londres. Fiquei aterrorizada e fui para Paris. Com o passar dos anos decidi voltar e hoje vejo uma cidade muito mais bonita. Claro que com aqueles bombardeamentos mataram milhares de pessoas, destruíram casas de milhões de famílias, empregos e tudo mais que aquela cidade de bonito tinha. Mas nem tudo foi tão mau, agora é uma cidade mais forte, as habitações mais resistentes, o cheiro do ar é mais respirável, na minha opinião apesar de aquele bombardeamento ter sido terrível, melhorou muitos aspectos daquela cidade.

B2 Quando eu cá vim, foi há 10 anos atrás, isto era tudo cheio de cor e alegria, com ruas cheias de gente a passear, a ver as montras, a cantar....agora está muito cinzento, neutro. Com muito barulho das obras para reparar o que podem nesta vasta destruição. As pessoas (que restam) preferem ficar em casa pois já nem vêem felicidade na cidade, a seu redor, preferindo estar seguras no seu espaço. Na minha opinião a cidade está muito destruída, as pessoas estão assustadas e está uma desordem total. O que era uma cidade bonita e calma está agora um caos.

C2 Olá Amiga. Voltei hoje a Londres e não imaginas como aquilo está mudado depois dos bombardeamentos. Como sabes vivi em Londres em 1930 e pouco antes dos bombardeamentos vim embora. 10 anos depois volto à minha querida cidade e vejo que, por exemplo, as docas junto à London Bridge estão totalmente mudadas, os barcos estão atracados noutro sítio. A Catedral de St Paul também mudou. Onde antes desfilavam as carroças hoje está tudo em ruínas. Na minha opinião, por muito sofrimento que os bombardeamentos causaram, serviu para reconstruir a cidade e mostrar também a força e a vontade do povo britânico.

D2 Mãe, Londres agora está (...). Este ano de 1940 é um caos aqui! Casas destruídas, pessoas mortas e assustadas a esconderem-se em refúgios na esperança de sobreviver a um ataque destes. Em 1930 era tudo bem organizado, casas bem construídas, pessoas sem receio de ataques, era um verdadeiro luxo! Mas basta pouco tempo para se perder tudo. A minha conclusão – por um lado não foi bom porque as pessoas perderam todos os seus bens, mas foi bom para reconstruir e reutilizar espaços. O teu filho.

E2 Olá, então como estás? Já estive a recordar aquela altura dos bombardeamentos, foi a primeira vez que estive em Londres e tive uma grande sorte em hoje estar aqui a escrever-te e relembrar estes grandes momentos. Não foi nada fácil, mas sobrevivemos e isso foi importante. Pena é que a cidade ficou desfeita, mas agora decidi lá voltar. Gostei bastante, acho que está fantástica, sempre com muita gente na rua, as paisagens sempre brutais, sempre conheci mais coisas em Londres. Pois na primeira foi uma grande aventura. Espero lá voltar, acho uma cidade interessante e sempre há algo de diferente para conhecer. Sobre a transformação achei boa, apesar do que se passou naquele ano, que “deu cabo” da cidade e de ter morto muitas pessoas.

F2 Olá Catarina, tenho coisas para te contar! Lembras-te quando eu te contei que fui a Londres em 1930 e te contei de todo o esplendor e vivacidade que aquela bela cidade irradiava? Pois bem, devo, como muita tristeza, dizer-te que toda a beleza e graciosidade de Londres se desvaneceu, dando lugar a destruição e desolação. Muitos prédios foram totalmente destruídos e pessoas foram mortas durante os bombardeamentos nazis. Do meu ponto de vista, apesar da reconstrução de Londres ter

sido boa, no sentido de que das cinzas se reconstruiu Londres de novo, acho que as perdas humanas superam qualquer vantagem material que se poderia conseguir.

G2 Meu amigo foi ótimo visitar Londres, eu pude ver os cais da London Bridge e até a Catedral de St Paul, que é uma zona particularmente muito movimentada. Parti para Portugal depois de estar 2 semanas em Londres. Voltei a Londres 10 anos depois e tudo está destruído é mesmo um cenário pós-guerra, os sítios que visitei e adorei como a London Bridge e a Catedral de St Paul estão destruídos e as ruas já não são tão movimentadas. Na minha opinião este tipo de transformação que esta paisagem sofreu é completamente negativa, grandes prédios foram completamente destruídos.

H2 Antes de 1930, Londres era uma cidade magnífica, bela. Onde a maioria das pessoas se davam bem, tinham um emprego bom, uma vida estável. Depois dos bombardeamentos uma cidade inteira ficou destruída, casas, pontes, muitas pessoas mortas, de cidade alegre passou a ser triste. Por causa de tanta ambição, vontade de conquistar perderam-se imensas vidas inocentes. Na minha opinião foi muito mau terem feito isto. Incrível como o ser humano não pensa na sua espécie. É incrível também como o poder, a inveja e a ambição passa à frente de vidas inocentes. Acho muitíssimo mal terem estragado uma cidade tão linda. Espero que estejas bem.

I2 Londres era um lugar bonito meu filho, cheio de pessoas, museus, bibliotecas, logo maravilhoso. As casas eram pretas e brancas porque eram iluminadas pelo céu estrelado. Mas depois do bombardeamento ficou ainda mais escuro, as ruas ficaram maiores, com mais cores, pessoas mais alegres. Acho que o bombardeamento foi muito bom pois permitiu melhorar a cidade.

J2 Querida Ana. Espero que estejas bem depois dos bombardeamentos. Lembras-te como era linda a Catedral de St Paul, que ficava perto da tua casa? Bem agora em 1941 fui a Londres para ver como estava a cidade, mas não restou grande coisa. Fui lá à tua casa, mas estava completamente destruída. Espero que estejas em segurança com a tua família. Espero que me escrevas em breve. A cidade ficou toda destruída, as pessoas ficaram sem bens essenciais e a paisagem foi de mal a pior. Ficou tudo destruído. Espero que me mandes um postal. O teu amigo J2.

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

K2 Quando fui a Londres, no dia 10 de Dezembro de 1930 era tudo lindo, pessoas nas ruas super amáveis para mim, flores nas varandas, a arquitectura era sublime. Mas agora quando voltei estava tudo destruído, havia pessoas a dormir na rua, pois as suas casas tinham sido destruídas nos bombardeamentos de 1940-1941. Já não se via sorrisos nem flores. Tenho muita pena de tudo isto ter desaparecido, mas acho que as pessoas estão a lidar com isso razoavelmente bem. Acho que foi horrível, mas também é uma oportunidade dos ingleses melhorarem um bocado os aspectos menos bons, na cidade de Londres.

L2 Meu amigo António Faria, espero que esteja tudo bem contigo e com a tua família. Mande-te este postal para te descrever a Paisagem de Londres antes e depois do bombardeamento. Quando eu fui em 1930 a Londres era um local muito bom para visitar. Parei lá dois anos e deu para ver que era um local fabuloso para viver! Depois dos bombardeamentos fui lá outra vez e parei pouco tempo. Estava tudo destruído, pessoas mortas em todo o lado. Foi a pior coisa que vi em toda a minha vida. O desastre de Londres foi muito mau, para além de ter morto muita gente, destruiu uma paisagem perfeita.

M2 Caro Eurico, Londres, uma cidade de aspecto incrível em 1930 passou a uma cidade apagada repleta de pedaços de construções, as pessoas que te habituaste a ver sorridentes perderam o sorriso, o qual deu lugar a uma profunda desolação. As docas que também gostas ficaram arruinadas e a Catedral de St Paul sempre organizada e pacata virou um reboleço tremendo. A quantidade de destroços é incontável. Tenho realmente pena do que se sucedeu, e pensar que algo tão belo possa ser destruído em tão pouco tempo e por uma razão tão egoísta e ignóbil. Espero uma resposta, até à próxima.

N2 Olá Zé da Bina. Nem te passa o que aconteceu hoje aqui. Os nazis atacaram-nos com as suas bombas. A Paisagem antes dos bombardeamentos era alegre, as pessoas tinham as suas casas, tinham bons empregos, depois dos bombardeamentos havia prédios derrubados, pessoas a chorar umas por terem perdido os familiares, outras por não terem o que comer. Acho que este bombardeamento foi mau para a economia do

país, mas também ajudou a actualizar a indústria, os prédios, etc. Espero que estejas bem.

O2 Então António, neste ano de 1940 está difícil porque estamos numa época de destruição. As pessoas a correr sem saber a direcção, para onde ir, há sangue por todo o lado. Também há casas destruídas, que já nem se vêem das ruas e as pessoas também perderam os seus bens. Enquanto em 1930 as casas estavam direitas, as pessoas viviam bem. Após esta destruição foi possível a construção e o melhoramento dos edifícios. Abraço, espero que consigas perceber como ficou Londres.

P2 Olá Helena, como estás? Tenho grandes novidades para ti! Como sabes visitei Londres em 1930 antes dos bombardeamentos alemães. Aquela cidade estava linda, com belas vistas, estava tudo perfeito. Todos os edifícios estavam intactos, a vista para a ponte era linda, os barcos de várias cores todos unidos, adorei visitar Londres naquela época! Gostei tanto de lá estar que decidi voltar passado 11 anos. Infelizmente nada estava como eu gostaria de lembrar. Depois dos bombardeamentos tudo mudou. Tudo o que era belo ficou destruído. O céu estava negro e as casas desfeitas, fiquei chocada! Foi uma pena e tinha que te contar o que senti. Adeus e abraços.

Q2 Olá meu grande amigo Justin. Tenho coisas para te contar que nem vais acreditar. Em 1930 antes dos bombardeamentos alemães estive em Londres. Vi zonas lindas como por exemplo as docas junto à London Bridge, a Catedral de St Paul, tudo com umas vistas lindas. Mas depois quando voltei lá em 1940, os meus olhos não estavam acreditar no que estavam a ver. Tudo completamente destruído, as docas, a Catedral, quase que não sobrava nada. Na minha opinião foi uma pena os bombardeamentos terem acontecido. Na próxima semana envarei-te fotografias de antes e depois dos bombardeamentos. Com amor.

R2 Olá meu querido amigo Genoberto. Queria-te contar uma coisa muito má por um lado, e por outro até é boa. Bem eu, como tu sabes, fui a Londres em 1930 e Londres estava incrível, havia pessoas alegres, bem-dispostas, a andar de bicicleta. E depois aconteceu um desastre, aterrou uma bomba numa casa de família, meu querido Genoberto. Eu vou ter de ir, mas prometo que te vou mandar outra carta, só te digo que a paisagem era linda.

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DO PORTO

S2 Então como é tropa? Antes quando estava a passar férias aí era altamente, andava-se numa rua sem problemas, via-se as pessoas felizes, alegres e a comunicar em grupo. Depois de alguns anos voltei aí porque ouvi uma notícia de uma catástrofe que aconteceu em Londres. Quando vi a destruição e o caos fiquei em choque e paralisado no meio de um sítio vago, sem ninguém. Onde eram casas e prédios agora há um sítio plano, cheio de escombros.

T2 Então Quim como estás? Lembraste quando visitei Londres em 1930? Era tudo muito movimentado, toda a gente a trabalhar, prédios altos, muita indústria, achei um lugar muito bom para conviver com o pessoal. Mas quando voltei em 1941 estava tudo completamente diferente, tudo destruído, havia fome, morte, era horrível. Só rezo a Deus que tudo fique bem, de qualquer maneira. Fica bem, um abraço do teu amigo.

U2 O Aluno fez o seu trabalho com uma letra ilegível, não sendo possível ler o que este escreveu (NEE).

V2 Aluno com Necessidades Educativas Especiais (dificuldades de aprendizagem) (NEE).